

YBY TUPÃNÃ

SAÚDE INDÍGENA
SEMEANDO HISTÓRIA,
IDENTIDADE E MEMÓRIA
NA SERRA DAS MATAS,
SERTÕES CEARENSES

DOSSIÊ

viannamaria@yahoo.com.br

2022

YBY TUPÃNÃ

SAÚDE INDÍGENA
SEMEANDO HISTÓRIA,
IDENTIDADE E MEMÓRIA
NA SERRA DAS MATAS,
SERTÕES CEARENSES

DOSSIÊ

REALIZAÇÃO



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz
FIOCRUZ Ceará



PROGRAMA
NOVA FIOCRUZ

2022

**Identities, memories and practices of care in health: coexistences
ancestral and current challenges in the defense of the right to health and life
in indigenous territories in the sertão of Ceará.**

Programa Inova Fiocruz

Edital Nº 1/2021

Coordenação: Vanira Matos Pessoa

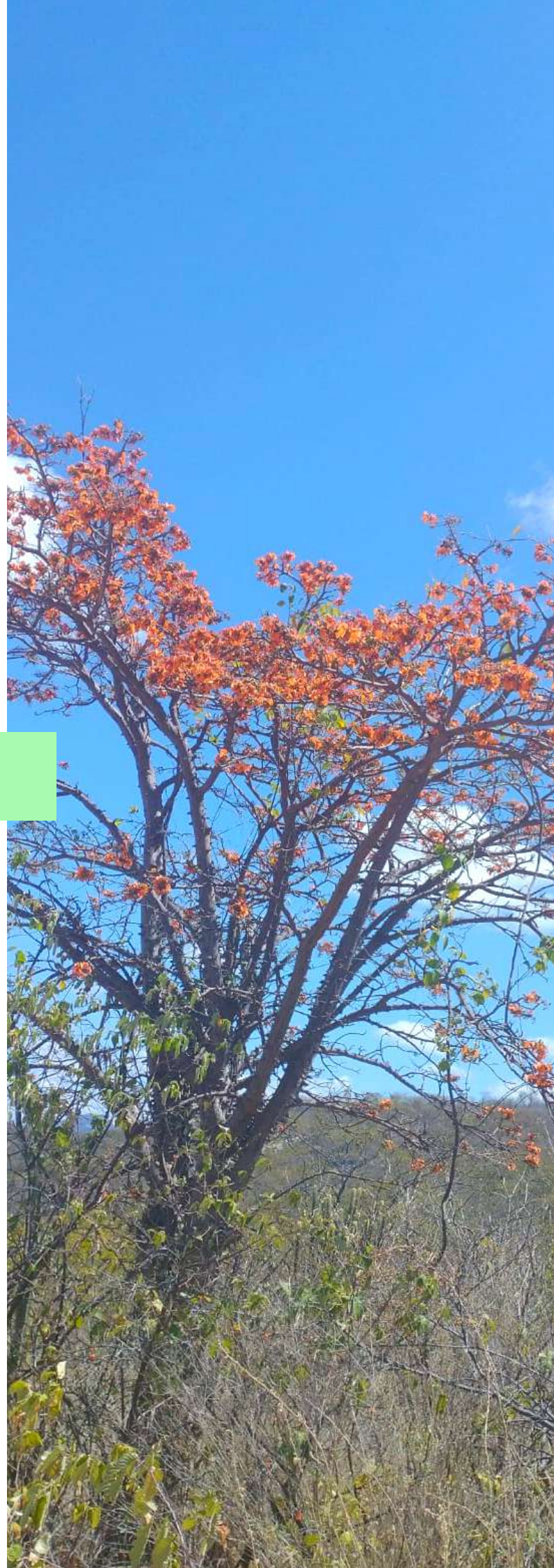
Elaboração: Iara Vanessa Fraga de Santana

Maria das Graças Viana Bezerra

Fernando Ferreira Carneiro

Flora Viana Elizeu da Silva





1. Jovem da Aldeia Mundo Novo. Foto: Iago Barreto
2. Barriguda no Terreiro Sagrado dos Tabajara. Arquivo da pesquisa.
3. Mulungu. Aldeia Mundo Novo. Arquivo da pesquisa.



AGRADECIMENTOS

Ao Ministério da Saúde pelo financiamento do projeto “Aprimoramento do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena, através do desenvolvimento de estudos, estudos técnicos, pesquisas científicas e ações estratégicas, essenciais para a diversificação, ampliação e qualidade dos serviços de saúde prestados aos indígenas”, via Programa Inova Fiocruz e Vice-presidência de Atenção à Saúde, Promoção e Ambiente da Fiocruz (VPAAPS).

Aos movimentos indígenas Tabajara da Serra das Matas e Potyगतapuia pelo acolhimento e abertura ao diálogo e produção de conhecimentos compartilhados com a Fiocruz Ceará nos territórios indígenas da Serra das Matas, Ceará.

Aos indígenas que participaram e compartilharam seus abrigos, sua alimentação, saberes, práticas de saúde e cuidados ancestrais nos encontros e vivências na pesquisa de campo.

Aos pesquisadores e participantes da equipe de pesquisa "Identidades, memórias e práticas de cuidados em saúde: convivências ancestrais e os desafios atuais na defesa do direito a saúde e da vida em territórios indígenas no sertão do Ceará", pelas reflexões e contribuições na pesquisa de campo e na sistematização dos produtos educacionais e bibliográficos.

À equipe da pesquisa SERPOVOS - Saúde, Cuidado e Ecologia de Saberes (<https://ceara.fiocruz.br/serpovos/>) pelo apoio na disseminação científica dos conhecimentos produzidos nesta trajetória com os povos indígenas.

Ao grupo de pesquisa Saúde do Campo, da Floresta e das Águas no contexto da Ecologia de Saberes, que reúne a teia de saberes e práticas em saúde.

À Fiocruz Ceará pelo incentivo e estímulo às pesquisas participativas, engajadas e que buscam a melhoria da saúde pública no Ceará.



01. APRESENTAÇÃO

02. LUGAR DE PARTIDA

03. (DES)COBRINDO AS RAÍZES INDÍGENAS

3.1 As veredas históricas dos povos indígenas da Serra das Matas

3.2 A história contada pelos/as "trancos velhos"

04. EM BUSCA DOS OLHOS D'ÁGUA: SERRA DAS MATAS, SEMIÁRIDO CEARENSE

4.1 "Os olhos d'água se encantaram".

05. ÁGUA, O "O SANGUE DA TERRA" QUE GARANTE SAÚDE

5.1. Aproximações das condições de saúde do território indígena Serra das Matas

5.2 E existe saúde sem água?

06. "MEDICINA TRADICIONAL", CULTIVANDO A ANCESTRALIDADE INDÍGENA

6.1 Práticas de cuidado em saúde

6.2 Registrando a "medicina da mata"

07. LUGAR DE CHEGADA

REFERÊNCIAS

1. APRESENTAÇÃO

Este dossiê foi elaborado no âmbito do projeto “Identidades, memórias e práticas de cuidados em saúde: convivências ancestrais e os desafios atuais na defesa do direito à saúde e da vida em territórios indígenas no sertão do Ceará” desenvolvida no período de abril de 2021 a março de 2022, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob o parecer número 5.148.775.

A equipe de pesquisa foi composta por pesquisadores da Fiocruz Ceará, da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) e lideranças dos Movimentos indígenas Tabajara Serra das Matas e Potyगतapuia, que desenvolveram uma pesquisa-ação-participativa, que teve como pressuposto promover uma ruptura com a invisibilidade dos indígenas que habitam o território da Serra das Matas no Ceará.

Outra motivação para a pesquisa foi fortalecer o direito à saúde por meio da valorização dos saberes e práticas ancestrais, em diálogo com o Subsistema de Atenção à Saúde Indígena. Nesse intuito, foram desenvolvidas ações territoriais, como: rodas de conversas; seminários; visitas a residências e quintais com cultivos de plantas utilizadas nos rituais de cura; participação em rituais de dança; visita aos lugares sagrados e instituições públicas existentes nas aldeias como as escolas e unidades de saúde.

Com este dossiê e os demais produtos da pesquisa, objetiva-se fortalecer a saúde indígena junto aos povos da Serra das Matas, que abrange quatro municípios dos Sertões do Inhamuns, Ceará, por meio da elaboração de um painel acadêmico e popular, com a caracterização atual das condições socioambientais e de saúde, a criação de ferramentas para monitoramento dos serviços prestados pela atenção primária, a promoção da troca de saberes e conhecimentos e a valorização da medicina tradicional indígena, a fim de contribuir para o fortalecimento identitário e a defesa dos territórios indígenas.



2. LUGAR DE PARTIDA

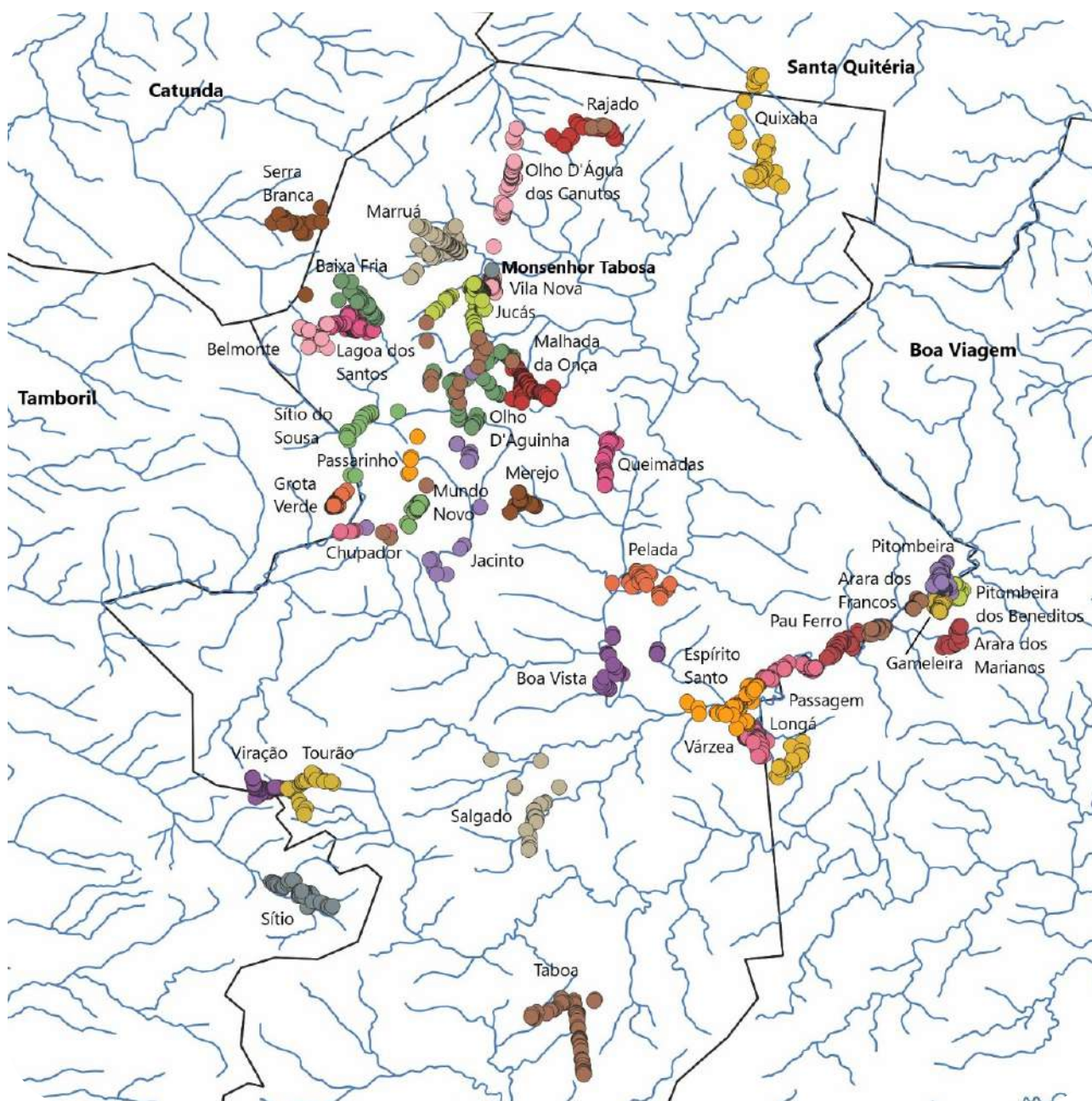
As regiões do Sertão de Crateús e Sertão de Canindé, concentram o maior grupo de etnias indígenas do Ceará. São os povos **kalabaça, potyguara, tubiba tapuia, gavião, tupinambá, tabajara, canindé e karão jaguaribara** que, nos seus circuitos de produção da vida ancestral, silenciaram por muito tempo para não morrer e nas últimas décadas voltam a falar, para sobreviver. Todos esses povos reivindicam a demarcação de suas terras e, dentre os muitos desafios está o cultivo da vida no semiárido sertanejo cearense.

Esse trabalho tem como lugar de partida essa realidade, dos/das indígenas sertanejos/as e a relevância em visibilizar suas existências para o Estado e seu modo de vida.

A garantia do direito à saúde, considerando as particularidades geográficas e étnicas das populações indígenas, foi uma conquista destes povos, que ainda lutam para a sua verdadeira efetivação. Assim, essa pesquisa objetiva contribuir para a melhoria do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena (SasiSUS) dos/das indígenas da Serra das Matas, que ocupam os municípios de Monsenhor Tabosa, Tamboril, Boa Viagem e Santa Quitéria. Os desafios para as comunidades indígenas são relacionados às dificuldades presentes na convivência com o semiárido, no enfrentamento de barreiras de acesso ao SUS, principalmente à atenção secundária e terciária, em razão da distância desses serviços.



O projeto dessa pesquisa-ação, foi construído coletivamente com os movimentos indígenas Tabajara Serra das Matas e Potyगतapuaia. A partir das principais questões e demandas apresentadas por suas lideranças, elaboramos os objetivos, assim como os produtos e os resultados esperados com esse trabalho. Dentre eles, estão a caracterização das condições atuais de saúde no território da Serra das Matas e o levantamento e intercâmbio das práticas tradicionais de cuidado e cura, advindas de raizeiros e rezadeiras presentes no território, envolvendo também os (as) profissionais indígenas da educação e da saúde. Os povos indígenas da Serra das Matas reivindicam a demarcação de 58 mil hectares de terra, distribuídas em 36 aldeias que se organizam através dos conselhos políticos dos movimentos indígenas.



Fonte: Estevão Palitot

O movimento Potyगतapuia começou sua organização no início dos anos 2000, após o retorno de Teka potyguara da região norte do país. Teka trabalhou por alguns anos como professora na região amazônica e, quando retornou ao seu território originário, observou muitas semelhanças entre sua famílias e os grupos indígenas que havia conhecido durante a sua passagem pelo norte. A partir daí, e com o incentivo das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), começaram o movimento de retomada da história dos potyguara e das suas ancestralidades, conforme relata a liderança da Aldeia Jacinto:

Foto: Elvis Aroerê Tabajara



A nossa liderança Teka, ela estudou muitos anos fora e lá, na Amazônia, onde ela estudou, ela começou ver a maneira com que o povo se comportava, como era que o povo vivia. Então isso despertou nela que ela poderia chegar aqui e fazer com que as pessoas parassem de ter medo de mostrar o que eram. Então ela retornou pra sua aldeia e daí começou esse movimento. [...] Então se reuniram, se organizaram cada aldeia e assim foi feito essa organização e cada aldeia e o movimento ao todo, começou a fazer essa auto identificação. Começou a resgatar os costumes do seu povo, começou a resgatar a dança, a espiritualidade de como é que os nossos ancestrais viviam e que a gente tinha deixado um pouco de lado. Nós não poderia continuar mais se escondendo da nossa luta, com medo de enfrentar o preconceito, né!? Com medo de enfrentar a sociedade. E daí começou o movimento, né?! E lutar pelos nossos direitos e lutar pela nossa história e lutar pela nossa cultura e lutar pelo o que nós somos de verdade.

O Movimento Potyगतapuia, organiza 26 aldeias das etnias potyguara, tubiba tapuia, tabajara e gavião e está presente nos cinco municípios.



Já o movimento dos/das indígenas Tabajaras da Serra das Matas iniciou sua organização com incentivos do então Dom Fragoso, nos idos do início dos anos 2000 e atualmente organizam 10 aldeias. A liderança Luísa Canuto, a época, era próxima das Comunidades Eclesiais de Base (CEB'S) e participante dos sindicatos dos trabalhadores rurais da região dos sertões de Crateús. Luísa, com sua família, iniciou esse "caminho de volta" para a ancestralidade indígena e, através de pesquisas e conversas com os/as mais antigos/as, encontrou a trajetória dos tabajaras desde a Serra Grande – Serra da Ibiapaba.

Então a Aldeia Olho D'Água dos Canutos a gente chama de aldeia mãe porque foi a primeira a se identificar. Eu gosto sempre de lembrar. Eu digo que foi Dom Fragoso que descobriu nós, quem achou nós. Ai ele criou a pastoral indígena e me convidou para participar da pastoral indígena e ajudou nós a pesquisar a nossa própria história. E nós, os tabajara, nós fizemos uma pesquisa no município, pra resumir, nós pesquisamos até os livros de tombo da paróquia pra saber dos nossos antepassados. De onde viemos, por onde chegamos e aqui chegamos! Então nós, a chapada da Serra das Matas, inclusive ali onde construíram a cidade, o papai morreu com quase cem anos, dizia que era o Sítio Telha. E essa terra toda foi habitada pelos tabajaras. E a própria história não nega pra nós. Nós viemos do Amazônia, nós percorremos por vários caminhos, inclusive na questão da sobrevivência.

Liderança tradicional Tabajara da Aldeia Olho D'água dos Canutos

Em busca dessa memória e dessa história, que estão diretamente conectadas às práticas de cuidado em saúde, iniciamos os primeiros encontros com representações desses dois movimentos, por meio de plataformas virtuais, nos meses de junho e julho de 2021 – essa estratégia foi pensada em razão da Covid-19. Assim, as nossas aproximações iniciais aconteceram através de três rodas de conversas virtuais.

Aos 19 de junho de 2021 estivemos com os/as troncos velhos conversando sobre o modo de vida nos territórios e a saúde. Em seguida, aos dias 25 do mesmo mês, dialogamos com profissionais do SasiSUS, especialmente Agente Indígena de Saúde (AIS), Agente Indígena de Saneamento (AISAN), Técnico em química - Supervisor dos AISANs e Agente de Controle de Endemias da Saúde Indígena (ACESI) sobre o trabalho que realizam. E a terceira roda de conversa, aconteceu com profissionais da educação, aos dias 23 de julho do mesmo ano, objetivando entender como a política de saúde se articula com a de educação nos territórios.



Esses encontros também possibilitaram a construção coletiva das etapas seguintes da pesquisa, garantindo, inclusive o roteiro da primeira etapa da pesquisa de campo (ocorrida em julho de 2021) e a organização inicial, dos demais produtos previstos no projeto, quais sejam:

- Relatório contendo indicadores de cobertura, perfil das equipes e trabalhadores, indicadores epidemiológicos para subsidiar as análises referentes às fragilidades e contribuir no fortalecimento do subsistema;
- Produção de material resultantes de tabelas e gráficos advindos das informações colhidas para a produção de artigos científicos;
- Publicação de uma coletânea de cartilhas, destinadas: a) ao público infante juvenil, relacionando saúde, cuidado e promoção da vida nos territórios indígenas; b) profissionais da saúde, assistência social e da educação; c) as mulheres, mães de alunos, com vistas ao fortalecimento e promoção da autonomia e protagonismo feminino, com foco na melhoria da qualidade de vida e na saúde;
- Produção de quatro vídeos curtos construído a partir da realização de um curso de áudio visual com a juventude dos territórios;
- E produção e divulgação de Podcast's sobre a importância da cultura e modo de vida indígena na promoção da vida nos territórios.

O dossiê também tem previsão no referido projeto e resulta ainda, de uma pesquisa de campo realizada em duas etapas. A primeira etapa ocorreu no período de 25 a 30 de julho de 2021 e teve como objetivo principal realizar levantamentos de dados primários acerca da saúde praticada ancestralmente nos territórios, bem como a saúde garantida, através dos AIS e AISAN, pelo SasiSUS. Estivemos em nas aldeias: Olho D'água, Olho D'água dos Canutos, Aldeia Quixaba, Mundo Novo, Grota Verde, Pitombeira (com a presença de representantes das aldeias Arara dos Francos e Gameleira), Passagem (com presença de participantes da aldeia Pau Ferro), Espírito Santo, Longar, Boa Vista, Pelada, Jacinto encerrando com a participação na atividade de batizado nas Mangueira Sagradas.

Em todas as aldeias tivemos um momento inicial de acolhida realizado pelo movimento indígena, de conexão com a espiritualidade, seguido apresentação dos/das participantes e exposição do projeto de pesquisa da Fiocruz sobre saúde indígena. Alguns dos territórios realizaram apresentações das suas práticas de cuidado em saúde, especialmente aquelas de domínio dos/das raizeiros/as e mesinheiras/os. Encerrado esse momento coletivo, realizamos entrevistas semi-estruturadas, individuais com lideranças, praticantes da medicina tradicionais, AIS e AISAN.

A segunda etapa, ocorreu entre 30 de setembro e 5 de outubro de 2021 e teve como finalidade realizarmos oficinas para a construção das cartilhas. Estivemos com representantes das aldeias Olho D'Água dos Canutos, Olho D'Água, Cedro, Malhada da Onça, Mundo Novo, Grota Verde, Tourão e Jacinto. Os trabalhos foram realizados com dois grupos de educadores/as das escolas indígenas, um grupo com mulheres, um grupo com crianças e adolescentes, um grupo com profissionais da saúde e um grupo com mantenedores da ancestralidade indígena através da caça, da arte (maneiro pau e artesanos) e do cuidado em saúde (raizeiro e rezadores).



Final da tarde na Aldeia Longar
Arquivo da Pesquisa

Em fevereiro de 2022, nos dias 22 a 26, realizamos a terceira visita a campo para realizar o intercâmbio de experiências relacionadas aos cuidados tradicionais e o diálogo com o SasiSUS.

Na aldeia Mundo Novo, com a presença de indígenas das aldeias Jacinto, Tourão, Boa Vista, Chupador e Grota Verde, aldeias do Movimento Potygapuia, realizamos o primeiro encontro com praticantes da medicina tradicional para intercâmbio de experiências, troca de conhecimentos acerca das plantas, cultivos e usos terapêuticos. A liderança indígena Teka Potyguara fez a abertura e iniciamos com a fala de Antônio ferreira Nascimento, o Veinho, considerado o “Guardião da Mata”. Estiveram presentes um rezador, um guardião da aldeia, um mezinheiro da aldeia Grota Verde, uma professora e praticante da medicina tradicional, dentre outros. Alguns indígenas que exercem as funções de AIS e AISAN nas aldeias falaram sobre as dificuldades do diálogo entre a medicina tradicional e o SasiSUS.



Plantas medicinais e mezinhas apresentadas pelos indígenas durante o intercâmbio de experiências relacionadas aos cuidados tradicionais e o diálogo com o SasiSUS, na Aldeia Mundo Novo.
Arquivo da Pesquisa

Na aldeia Espírito Santo, no território da Serra das Salinas, o intercâmbio de experiências relacionadas aos cuidados tradicionais foi realizado com a presença de indígenas das aldeias Passagem e Pau Ferro, Aldeias do Movimento Potygapuia. E na aldeia Olho D'Água dos Canutos, com a presença de indígenas das aldeias Rajada, Malhada da Onça, Lagoa dos Santos, Baixa Fria, Quixaba, Belo Monte, Sítio Sousa e Olho D'Aguinha



Intercâmbio de experiências relacionadas aos cuidados tradicionais e o diálogo com o SasiSUS, na Oca dos Tabajaras
Arquivo da Pesquisa

3. (DES)COBRINDO AS RAÍZES INDÍGENAS

O período da história marcado pela colonização europeia deixou fissuras profundas nas relações sociais brasileiras. Dezenas de populações originárias foram dizimadas, outras obrigadas a esquecerem suas línguas, saberes culinários e formas de convivência com a natureza. Hoje, mais de mil comunidades quilombolas e outros povos e comunidades tradicionais ainda povoam o país. Vivem no Brasil 305 (trezentas e cinco) etnias indígenas, com 274 (duzentos e setenta e quatro) línguas registradas, de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010).

Oliveira (2019) nos convida a reelaborar as compreensões sobre os povos indígenas do Nordeste, afinal, ainda persiste no imaginário social que “[...] índios de verdade estão somente na região norte do país”. De acordo com a Fundação Nacional do Índio (FUNAI, 2014), existem 106.150 mil indígenas no nordeste do país, em áreas urbanas e rurais, estando a maior concentração, 25,5%, no estado da Bahia, seguido de Pernambuco, Maranhão e Ceará. Mesmo com a histórica negação da sociedade cearense a despeito de negros/as e indígenas, as 14 etnias, organizadas em 19 municípios, buscam a demarcação de suas terras e a garantia dos demais direitos constitucionais, dentre eles, a saúde.

A Serra das Matas se encontra no sertão cearense, distando uma média de 270 km de Fortaleza. Essa cordilheira abrange os municípios de Monsenhor Tabosa, Tamboril, Boa Viagem e Santa Quitéria, região do semiárido, com rica e diversificada vegetação do tipo caatinga, marcada pela crise hídrica.

Também são marcas dessa região, os processos de organização das lutas populares para desconcentração do latifúndio, herança da política colonial das sesmarias, que destinou extensas áreas para criação de gado e plantação de algodão (“ouro branco”). Portanto, estamos falando de uma região com muitos assentamentos rurais estaduais e federais, comunidades camponesas, comunidades quilombolas e povos originários.

O “complexo étnico” da Serra das Matas acolhe as etnias **Potyguara, Gavião, Tupiba-Tapuia e Tabajara**, distribuídas em 36 aldeias que se organizam nos Movimentos Potyगतapuia, Serra dos Tabajaras, Marruás e Jucás. No município de **Monsenhor Tabosa** estão as aldeias **Rajada, Olho D’Água dos Canutos, Baixa Fria, Espírito Santo, Vila Nova, Jucás** (habita o perímetro urbano), **Malhada da Onça, Olho D’Águinha, Merejo, Queimadas, Sítio do Sousa, Lagoa dos Santos, Mundo Novo, Passarinho, Jacinto, Pelada, Boa Vista, Salgado, Tourão, Taboa, Várzea, Passagem, Pau Ferro, Pitombeira, Chupador e Belmonte**.

Já em **Tamboril** estão as aldeias **Grota Verde, Viração e Sítio**; na cidade de **Boa Viagem** estão as aldeias **Pitombeira dos Beneditos, Arara dos Francos, Arara dos Marianos, Gameleira e Longá** e a aldeia **Quixaba**, tem porção do seu território no município de **Santa Quitéria**, assim como a aldeia **Lagoa dos Vinutos** São ao todo 934 famílias, uma média de 4.600 indígenas (confirmar essa informação) que passaram a se organizar e exigir os direitos garantidos aos povos indígenas nos anos 1990.

3.1 As veredas históricas dos povos indígenas da Serra das Matas



Escola Indígena do Povo Caceteiro
Arquivo da pesquisa

O povo Potyguara é um grupo étnico predominante da zona costeira nordestina. Em decorrência do processo de colonização, o grupo se dissipou e se encontra atualmente nos Estados da Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará.

No Ceará são encontrados/as nos municípios de Monsenhor Tabosa, Tamboril, Boa Viagem, Santa Quitéria; em Crateús tanto na zona urbana, quanto na região camponesa, na Terra Indígena do Nazário e na Terra Indígena Potyguara Lagoinha, no município de Novo Oriente.

Contam com uma população aproximada de 4.368 potyguara. (CDPDH, 2015). Esse grupo é conhecido pela sua resistência ao processo de colonização. No Ceará tinham a prática de utilizar “cacetes” contra os colonizadores, sendo até hoje conhecidos por **“Povo Caceteiro”**, nome dado, inclusive, à escola indígena da etnia, situada na aldeia Mundo Novo.



Maneiro Pau na Escola do Povo Caceteiro
Arquivo da pesquisa

A história do povo Caceteiro é porque nossos antepassados, ancestrais, eles tinham uma briga por questão do território e aí eles eram muito bom no cacete, né!? Do maneiro pau é a mesma coisa do povo Caceteiro, era um povo que se defendia no cacete. Era arma, em vez da flecha era o cacete e até hoje. Não é usada mais pra disputa e nem na briga, é usada como uma dança. Tá no símbolo, né, mas antes era pra se defender mesmo.

Mulher indígena Potyguara, Aldeia Mundo Novo

É também em razão dessa sua estratégia de sobrevivência que mantém o ritual do maneiro pau, que tivemos a honra de assistir durante o ritual do batismo realizado nas mangueiras sagradas, no dia 30 de julho de 2021, bem como na segunda etapa da pesquisa de campo, na própria escola. Nesse ritual, cujos participantes são todos homens, um deles entoava cantos na língua porguesa, mas também em tupi-nheengatu, enquanto os demais dançavam em círculo tocando os cacetes – bastões de madeira da árvore nativa - Jucá.

[...] Só sei que aqui na região, começando daqui até o Cariri é Maneiro-Pau. É muito de indígenas, sabe, de repente outras pessoas podem ter dançado. [...] Nós chamava de As Nove Mamparra do Cacete, né!? Maneiro-Pau nós aprendemos que era do mesmo jeito que via o pessoal, aí botaram de Maneiro-Pau. Ela é de luta, quando o escravizador veio, o branco chegou, né!? Aí ele queria negociar pra tomar a terra e aí nunca ninguém tomou nossa terra por conta do cacete e também da reza, da espiritualidade, duas armas fortes nós temos. [...] É por isso, nada mais justo do que colocar o nome da escola de um povo que defendeu a terra, né, e aí povo caceteiro. Na época em mil novecentos e dezoito - é assim que eles disseram, o pessoal que contou. Chegaram pra tomar e os índios metia o cacete, o cacete mesmo, sabe, o número de pessoas aqui era maior dos que vinham, né, naquela época o meio de transporte também era só de cavalo e não dava pra vencer a gente e pelo fato de ser uma serra não tem quem quisesse, presta nem pra criar gado, então a minha história é essa.
Liderança Potyguara da Aldeia Mundo Novo



Acesse o QC e assista ao maneiro pau realizado no dia 30 de julho de 2022, nas mangueiras da Aldeia Jacinto, durante o ritual do batizado.



A organização através do movimento indígena vem sendo, ao longo dos anos, uma importante estratégia para continuidades dessas práticas ancestrais, assim como para a garantia de direitos desses povos. O movimento indígena Potyगतapuia, é exemplo desse processo de articulação das aldeias, afirmação identitária junto aos poderes do Estado e manutenção das práticas tradicionais.

Potyगतapuia faz vinte anos já, porque quando nós começamos já era quatro povos aí nós pegamos uma sílaba de cada povo. Po de potyгуara, Ta de Tabajara, G de Gavião e Tapuia, por isso vem o nome. Tapuia vem de Tubiba Tapuia. Aí nesse território o movimento é Potyगतapuia porque tem quatro povos dentro, né, mas cada aldeia tem sua organização interna, associação. Povo Potyгуara da Serra das Matas. Nossa associação tem cnpj e assim cada um tem a sua, sucessivamente, cada uma tem a sua associação, tem o Conselho das Mulheres e Lideranças Indígenas da Serra das Matas, né!? O Conselho dos Professores Indígenas, só que o conselho das mulheres e dos professores não está em dias, estão devendo, mas agora o resto tá tudo em dias, né, e assim a gente se organiza interno e depois cada um tem o seu jeito de ser, cada aldeia, mas também quando a gente se encontra soma, né?!

Liderança Potyгуara da Aldeia Mundo Novo

No caminho organizativo do movimento indígena, as lideranças reconhece a importante contribuição da Irmã Margarete Maufliet, a partir da criação da Pastoral das Raízes Indígenas, criada na Diocese de Crateús nos anos de 1990, por iniciativa do então Bispo na cidade, Dom Frágoso. (PALITOT, 2013)



Margarete é uma das pioneiras para valorizar a nossa cultura indígena, sabe! É a partir da Margarete que a gente se valorizou, alguém olhou pra nós como gente porque antes na cidade dos brancos- ah aqueles ali são os “fala comprida”, é os Tapuia, tudo em quanto eles diziam com nós. Quando a gente chegava na cidade a gente só andava pegado na mão um do outro com medo deles bater na gente, né?!

Liderança Potyгуara da Aldeia Mundo Novo

Ainda sobre a história do povo potyguara:

As história dos meu antepassados, é a história de muita luta, de muita dificuldade, né?! Muitos tinha que se esconder pra não mostrar sua própria identidade. Aqui a gente tem os locais que hoje pra nós é sagrado como os olhos d'água, como os tanques de pedra e esses locais eram aonde os nossos antepassados vivia para se esconder da discriminação. [...] Então isso pra nós serve hoje como luta, como resistência e como obrigação de tá preservando essa história do que eles viveram e que é o significado da nossa existência.

Mulher Potyguara, Aldeia Jacinto

Dentre as reivindicações do movimento Potygapuia, observamos em todos os diálogos que participamos e nas entrevistas realizadas, a necessidade e organização em torno da demarcação da terra, conforme a declaração de outra liderança:



A principal é a demarcação da terra, principal de todas, porque pra onde nós vamos a primeira fala que a gente pega as autoridades. Nós já estamos na segunda instância - na terceira. Vem um com o propósito de fazer o reconhecimento, depois veio outro pra fazer a questão das divisas, sabe, a delimitação depois veio o outro que - já estamos na terceira instância que já é o relatório pronto, faltando só a Funai reconhecer e ser colocado nas paredes das prefeituras. [...] Tá faltando só dois pra chegar na demarcação e desintração, mas aí parou por conta também da Funai que entrou outros funcionários, entrou outro governo aí deu uma parada, né?!

Mulher Potyguara, Aldeia Espírito Santo



Unidade Básica de Saúde na Aldeia Espírito Santo
Arquivo da Pesquisa

Sou da etnia Potyguara, moro aqui na aldeia Espírito Santo onde estou como presidente do Conselho Local de Saúde e sou vice cacique do movimento Tubiba-Tapuia. Nasci na aldeia Torão em Monsenhor Tabosa. Morei lá até oito anos de idade lá e fui embora pra cidade; me casei e vim morar aqui na aldeia Espírito Santo. A aldeia Espírito Santo foi reconhecida desde dois mil e quatro que a gente fez o reconhecimento do nosso povo aqui. [...] A gente se organiza através de conselho, né!

Tem um conselho da comunidade, a gente se organiza dentro dele; a gente faz projetos, né, de sustentabilidade das famílias quando sai projeto, a gente tá correndo atrás. A gente se organiza, temos nossa parte cultural, né, a organização cultural, tem grupos de dança. Aqui hoje a gente tem um grupo de dança das Coité, né, que é uma planta que está em extinção aqui e a gente tá fazendo o resgate dessa planta através da dança [...] composta só por mulheres. É isso.

Marinete Potyguara, Aldeia Espírito Santo



1. Mulher indígena com sua filha durante encontro na Aldeia Espírito Santo

2. Escola do Povo Caceteiro

3. Porteira na Aldeia Mundo Novo que também foi barreira sanitária durante o primeiro ano de pandemia.

Arquivo da pesquisa.

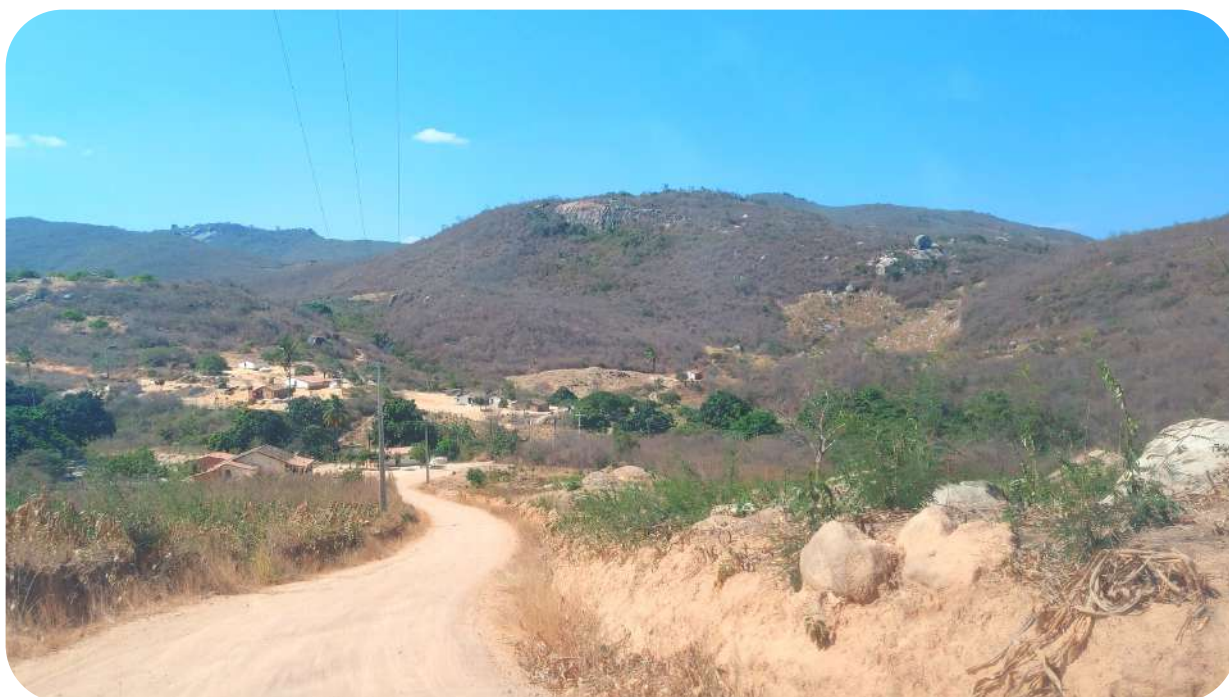
O outro movimento que dialogamos no processo de realização da pesquisa, foi o Movimento Tabajara da Serra das Matas. O povo tabajara também preserva lugares de memórias sagradas dos seus processos de resistência, e também estão presentes em outros municípios para além da Serra das Matas, a exemplo da “Furna dos Caboclos”, local no qual eram depositados os restos mortais dos/das indígenas assassinados/as no processo de colonização. Esse local fica na Serra das Melancias e Nazário, no município de Crateús, onde também se encontram indígenas em bairros periféricos da cidade.

Integram ainda o povo tabajara, a terra indígena Imburana partilhada com o povo kalabaça, e a terra indígena Cajueiro, ambas presentes no município de Poranga. Estão presentes ainda nas terras indígenas de Croatá e Fidélis no município de Quiterianópolis, atingindo uma população de 4.460 pessoas. (CDPDH, 2015).

Além de lugares sagrados, também conhecemos na aldeia Olho D’Águinha, do povo tabajara da Serra das Matas, alguns quintais produtivos com a presença de tubérculos, frutíferas, verduras e ervas utilizadas para fins medicinais, além da casa de farinha e o Benjamin – árvore sagrada.

[...] E aí, falar da história da nossa existência, os tabajara aqui da Serra das Matas, é falar de todo um percurso que nós fizemos. Então os principais caminhos dos tabajaras era a Serra da Ibiapaba à Serra das Matas, eram nossos principais caminhos e as serras e os rios.

*Luísa Canuto, liderança tradicional,
Aldeia Olho D’Água dos Canutos*



Caminho para Aldeia Olhos D’Água dos Canutos
Arquivo da pesquisa

Do Nordeste, né! Quando os portugueses invadiram essas terras nós tava aqui já, aqui nesse Ceará, né! Que nossos companheiros quando migraram correndo de lá, pra Paraíba e pro Ceará e pra outros cantos. Nós já estávamos aqui, nosso povo foi expulso por causa das sesmarias que os fazendeiros precisaram das terras pra criar gado, e aí mataram nosso povo, expulsaram e tal, mas nós tamos aqui, essas são nossas raízes, nossos troncos velhos é daqui da Serra das Matas, né! O José Canuto, que é pai da Luísa, o cacique Zé Canuto, chamava de Jardim da Serra das Matas que era o grande Jardim de Jatobá, de muitas árvores, de caças, animais todos os tipos de animais que se precisava, né, e que se convivia harmonicamente com tudo isso. Depois dessa sesmaria foi que foram destruir as matas, destruir a terra e hoje está como está né! a terra pelada, a serra praticamente pelada.

Homem Tabajara da Aldeia Olho D'água dos Canutos, Movimento Tabajara Serra das Matas

Aldeia Olho D'Água dos Canutos
Arquivo da Pesquisa



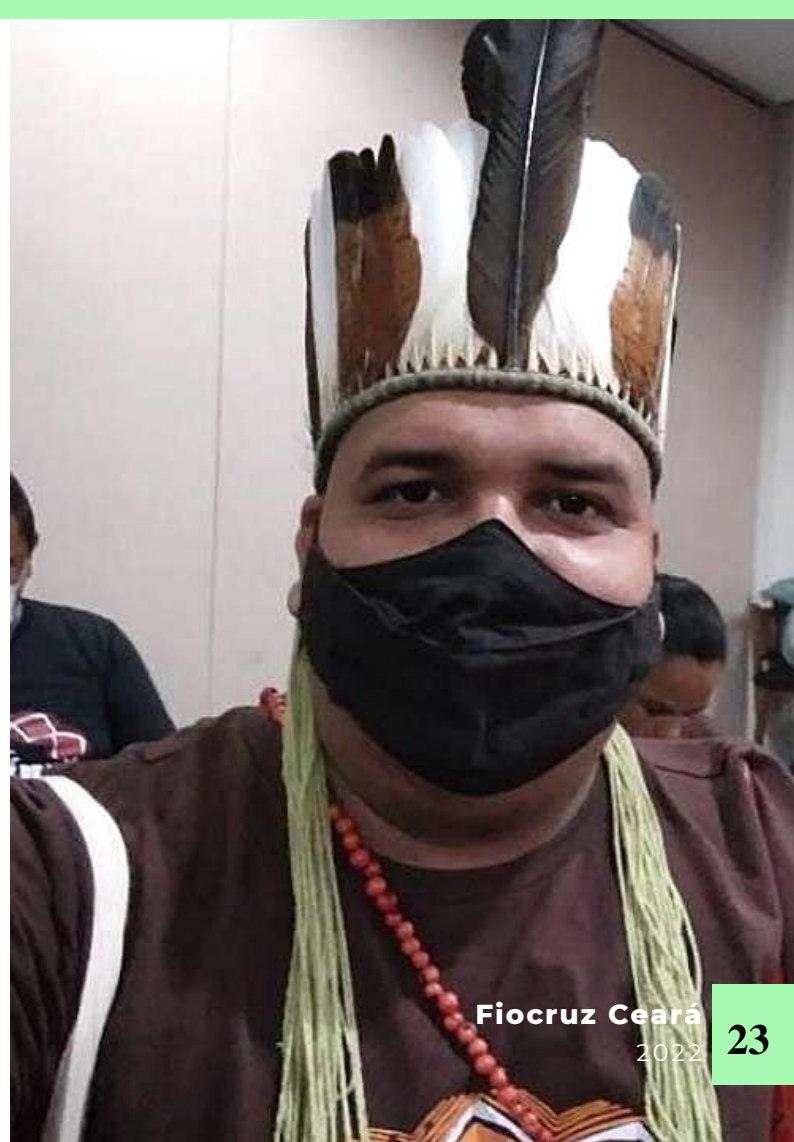
Os Tabajaras que a gente tem o conhecimentos com os mais velhos... os Tabajaras nasceram na região da Serra Grande aí veio uns se aldearam aqui e até hoje continuam, né?

Liderança da Aldeia Olho D'Águinha





1. Terreiro Sagrado do Povo Tabajara Serra das Matas. Arquivo da pesquisa.
2. Museu Povo Tabajara. Arquivo da pesquisa. Arquivo da pesquisa.
3. Homem Tabajara, Aldeia Olho D'Água dos Canutos. Arquivo da pesquisa.



O outro grupo étnico presente na Serra das Matas, é o povo Gavião, da Aldeia Boa Vista, com 36 famílias e história semelhante de resistência, bem como de migrações. Parte desse território também é reivindicado por um grupo de famílias que se autoidentificam como quilombolas.

A principal liderança, Toinho Gavião, é poeta, cordelista e escreveu um cordel sobre a saúde indígena.

Cordel: Medicinas Tradicionais

Autor: Toinho Gavião

I.

*Quero aqui com alegria
Um pouco compartilhar
Os nossos conhecimentos
Vamos agora contar*

Das medicinas tradicionais

*São remédios naturais
Com certeza irão curar*

II.

*Pra podemos melhorar
As práticas físicas e mentais
Está bem consigo mesmo
Corpos físicos e espirituais
Trabalhar a consciência
E a nossa convivência
Conhecimentos e ideias*

III.

*É do nossos ancestrais
A prática medicinal
Tem os nossos benzedores
Que são muito especial
Que tem o dom de curar
Quero parabenizar
Este trabalho genial*

IV. Temos em nosso quintal

*Muitas plantas medicinais
Para chá e lambedores
Pois nos ajudam demais
Tá em nosso conhecer
É importante saber
Os recursos natural*

V. A umburana de cheiro

*Que é muito medicinal
Para curar sinusite
A casca é especial
Um bom remédio caseiro
Experimente primeiro
Um relaxante nasal*

VI. O remédio natural

*Para dores intestinais
Pertinho da nossa casa
Tem remédios ideais
Que a natureza oferece
A gente não agradece
Os remédios naturais*

VII. Os saberes tradicionais

*Não podemos esquecer
Tradicional e ocidental
Precisam se conhecer
Em comum dialogar
Nossa caatinga pesquisar
Um projeto desenvolver*

VIII.

*Será o meu prazer
Este sonho realizar
Pois temos objetivos
A Fiocruz nos apoiar
A saúde e desenvolvimento
Para novo conhecimento
Cientificamente coletar*

IX.

*Vou agora terminar
Com amor no coração
Ao movimento indígena
Vai a minha saudação
De um poeta popular
Deus me deu este pensar
Sou Toninho Gavião*

X.

*Somos povo gavião
No Estado do Ceará
Movimento Potigatapuia
Com a Fiocruz dialogar
A todos agradecer
De nos poder conhecer
Nossa aldeia visitar*



1. Jovem da Aldeia Boa Vista. Arquivo da Pesquisa.
2. Liderança, AIS e artista da Aldeia Boa Vista. Arquivo da Pesquisa
3. Liderança da Aldeia Boa Vista. Foto: Aroerê Tabajara



E o povo Tupiba-Tapuya com 70 famílias, conhecidas por serem descendentes dos indígenas “rebeldes” que viviam à beira do riacho Tupiba, do lugar denominado Serrinha, onde buscavam água e alimentação. É provável que tenham também realizado migrações para o Maranhão e para a Serra da Ibiapaba, fronteira com Estado do Piauí.

A aldeia Gameleira, onde se encontra parte dessa etnia, conta com 23 famílias. Essas apresentam um histórico vivo de migrações para o Rio de Janeiro em busca de trabalho e depois o retorno para a aldeia. Os tubiba tapuia também estão presentes na aldeia Arara dos Francos em 22 famílias. Sobre a história e os desafios da afirmação identitária, nos contou Cristiane Tubiba, uma das lideranças:

Minha mãe é dos Franco também, casou com meu pai que é daqui da Pitombeira e foram morar na Gameleira que já é a família do meu vô lá.

Na outra gestão [se referindo ao poder público municipal], que as vezes tinha seminário e a gente era convidado pra ir pra Boa Viagem – meu Deus! Se eu chegasse lá com um cocar todo mundo já ficava assim ó olhando, porque eles discriminam mesmo. Quando a gente falta material aqui da escola, a gente compra numa gráfica lá na Boa Viagem. Aí ela pergunta onde é a escola. Quando a gente fala: é da Pitombeira, é indígena e aí ela: Vixe! indígena? E ainda tem? Eles tem esse preconceito ainda. Tem Bastante preconceito ainda.

Sobre o processo organizativo em torno do reconhecimento e luta pelo território indígena, das condições socioeconômicas e da origem da aldeia Arara dos Francos, outra liderança tubiba tapuia relatou:

Ah lá, foi em dois mil e oito, dois mil e dez, foi alguma coisa assim, não lembro exato o ano não, mas já faz mais de dez anos que nós tamo na luta, que reconheceu realmente, que a gente faz parte desse movimento e tem a luta que resgata primeiramente a cultura. E tem valido a pena sim, apesar de algumas críticas que a gente recebe, né! Às vezes, até duas vezes de algum indígena. [...] A gente faz o possível pra trazer as crianças pra escola indígena. Porque pega mais conhecimento também, né!, na escola. Olha, a nossa renda, na realidade a principal renda que nós temos é a agricultura, né! O pessoal que vive da planta mesmo, aí tem a renda como os aposentados. O meu avô dizia que na Arara dos Franco de primeiro tinha muita arara, arara pássaro, né, que inclusive lá em casa, tem muita Canafístula, que aquela árvore que você corta pra dar pro gado, né! E de primeiro lá – lá tinha muita Carnaúba, derrubaram algumas. Aí elas faziam ninho lá nas Carnaúba, né, que tinha muito dessas arara lá e o pai disse que colocaram esse nome lá-Arara dos Franco.



1. Mulher da Aldeia Gameleira. Foto: Arquivo Pessoal
2. Homem da Aldeia Arara dos Francos. Foto: Elvis Aroerê Tabajara
3. Escola Flor do Campo, Aldeia Pitombeira. Arquivo da Pesquisa



Os quatro grupos identificam, por toda a Serra das Matas, vestígios arqueológicos como pinturas rupestres e artefatos, bem como lugares sagrados e histórias místicas contadas por caçadores (as). Durante a nossa primeira etapa da pesquisa de campo, dialogamos com um caçador e uma caçadora que também expressam essa história e memória que nos auxiliam a (des)cobrir as raízes indígenas.

Minha mãe nunca teve emprego, sempre foi anos muito ruim! Minha mãe trazia uma lamparina dentro de uma lata e ia caçar de noite com os cachorro, deixava meus irmãozinho pequeno tudo dentro de casa. Nós morava numa serra que tinha pra acolá e quando minha mãe matava, muito bem! Matava um pacu, um peba. Quando não, ela chegava tava tudo esperando [as crianças], ficava esperando e quando ela chegava dizia: Não, hoje não deu certo, mas amanhã se Deus quiser vai dar certo. E nós dormia com fome. [emocionou-se ao lembrar]

Assim foi indo, foi indo e meus irmãos foram crescendo, os homens que tinham; arrumando serviço, trabalhando na roça. Nossa vida foi trabalhar na roça direto, direto e foi mudando as coisas um pouco. Mas sempre era sofrimento, morava mais os outro [como moradores de fazendeiros], o pai brocava roçado e quando tava tudo cheio de milho, feijão, o dono pedia a casa, botava o gado dentro do roçado, nós saía sem nada. E sempre a mãe dizia, sempre dizia pra nós: - Um dia vai mudar, um dia nós vamos vencer e foi indo e foi indo graças a Deus, mudou! Nós temos nossas casinha, tem o que nós comer porque antes não tinha o que nós comer e nós nunca soubemos o que é uma merenda. Eu vi irmã minha dando agonia de fome, pequenininha.

Caçadora da aldeia Pelada.



Aldeia Pelada
Arquivo da pesquisa

O relato de Cícera nos levou a realizar um levantamento bibliográfico para entender as contradições referentes aos conflitos fundiários e os povos indígenas. Dialogando com registros da história oficial, percebemos que o processo de dominação das terras originárias no Ceará, aconteceu a partir das ordenações portuguesas de divisão do território em sesmarias. Acreditavam que somente através do desenvolvimento da pecuária se conseguiria a “desinfestação dos índios bárbaros”, com o auxílio da catequização. Assim, o “caminho do gado” e os aldeamentos, constituem o contexto histórico das disputas territoriais enfrentadas pelas populações indígenas no Ceará. (MAIA, 2009)

Ao passo que, em outros Estados do nordeste predominou a escravização de populações indígenas para atender o cultivo da cana-de-açúcar, no Ceará a pecuária foi guiando as aberturas da caatinga para a chegada do gado. Aos grupos indígenas organizados em aldeias compostas por pelo menos 100 casais, também era permitida a solicitação de sesmarias para esses e missionários católicos. A grande maioria dessas solicitações aconteceram nas primeiras décadas do século XVIII, durante o processo efetivo de ocupação do território (MAIA, 2009).

Alguns grupos indígenas estabeleceram pactos de vassalagem com a coroa portuguesa, como súditos do Rei, garantindo ganhos de terras, gado e comendas militares. Apropriam-se da linguagem escrita e falada para realizar tais negociações. “A necessidade dos índios, no Antigo Regime, de se valer da escrita do colonizador era algo muito mais frequente do que costuma atentar, grosso modo, a historiografia”. (MAIA, 2009, p.80).

Os estudos de Costa (2009) apresentam que, aos indígenas aldeados, a coroa portuguesa se dirigia como aliados e aos não aldeados, como inimigos bravos. “Em relação aos chamados ‘tapuias’, ou índios bravios, fica atestada nos documentos oficiais sua repugnância e instinto de perseguição, declarando guerras tanto de capturas como de extermínio”. (COSTA, 2009, p. 88) Aos grupos não aldeados, foram realizadas diversas práticas coercitivas a fim de ofertarem sua força de trabalho ao mercado - tratados como preguiçosos, indolentes e vadios.

Os aldeamentos indígenas foram extintos no Ceará em meados do século XIX. Registros mostram que as primeiras “vilas de índios” criadas, são do século XVIII. “Vila Viçosa Real (antiga aldeia da Ibiapaba), Soure (antiga Caucaia); Arronches (antiga Parangaba); Messejana (antiga Paupina); Monte-mór Novo (Paiacú, Baturité) [...]” (VALLE, 2009). Esses e outros aldeamentos organizados pela coroa portuguesa e por missionários católicos, por todo o Ceará, buscavam “civilizar os povos bárbaros”.

Porém, o período imperial brasileiro é marcado pelo fechamento de muitos aldeamentos o que irá fundamentar o mito de que no Ceará não existem indígenas. Vejamos a resposta do governo provincial à solicitação de informações feita pelos ministérios imperiais, em 1861.

[...] nesta província nenhuma tribu existe no estado selvagem, e que desde o anno de 1833, epocha em que forão extinctas as Directorias a que estão sujeitas as diferentes aldeias estabelecidas na Província, extinguirão-se estas, e ficaram os índios confundidos na massa geral da população civilizada, sendo incorporada aos proprios nacionaes a parte devoluta dos terrenos (VALLE, 2009, p.143).

Dois anos depois, consta no relatório provincial: “Já não existem aqui índios aldeados ou bravios” (VALLE, 2009, p.142).

A partir de 1864, não há nenhuma menção sequer dos índios da província. Com exceção de notas sobre medição das terras dos aldeamentos de Baturité, Arronches, e Almofala, datadas de 1876 e 1877, nada mais se abordou sobre a questão indígena (VALLE, 2009, p.143).

O governo provincial desse período responde ao Ministério da Agricultura que, os poucos índios ainda existentes, viviam da agricultura e estavam “confundidos com a população”. O que entrava em considerável contradição, haja vista o governo imperial receber queixas e notificações dos grupos indígenas existentes no Estado. (VALLE, 2009)

Essa afirmação da inexistência dos povos originários sob a justificativa de estarem misturados à população, também hegemonizou as produções teóricas sobre os indígenas do nordeste brasileiro. “Índios misturados”, “índios mestiçados”, “resíduos da população indígena no nordeste”, “magotes de índios desajustados”, foram algumas das expressões utilizadas por autores renomados, como Darcy Ribeiro, para negar a existência das populações originárias ocupantes da região nordestina. (Oliveira, 2004)

Há de se considerar que as expedições coloniais chegaram de forma diferenciada para os povos indígenas do norte e do nordeste, por exemplo. “[...] no Nordeste tais áreas foram incorporadas por fluxos colonizadores anteriores, não diferindo muito as suas posses atuais do padrão camponês e estando entremeadas à população regional”. (OLIVEIRA, 2004, p. 20)

A negação dos povos indígenas aconteceu também, por parte das outras províncias situadas no nordeste. Assim como no Ceará, os governos provinciais declararam, sucessivamente, a extinção dos aldeamentos e, por sua vez, dos (das) indígenas.

Ao final do século XIX já não se falava mais em povos e culturas indígenas no Nordeste. Destituídos de seus antigos territórios, não são mais reconhecidos como coletividades, mas referidos individualmente como ‘remanescentes’ ou ‘descendentes’. São os ‘índios misturados’ de que falam as autoridades, a população regional e eles próprios, os registros de suas festas e crenças sendo realizados sob o título de ‘tradições populares’. Foi nessa condição, por exemplo, que uma equipe do antigo Instituto Nacional do Folclore, na década de 1970, visitou o antigo aldeamento de Almofala, filmando e gravando a realização do ‘torém’, ritual mais importante dos índios Tremembé (VALLE, 1993 apud OLIVEIRA, 2004, p. 26).

Em razão dessa trajetória que muitos grupos étnicos do nordeste “tiveram que calar para sobreviver”, como ouvimos comumente dos povos indígenas do Ceará. Porém com as conquistas dos direitos na década de 1980, esses povos passaram a falar e exigir reparação e demarcação dos seus territórios.

Ainda sobre as contradições entre apropriações fundiárias, terra e território indígena, continua Cícera:

Toda vida fomos moradores, toda vida fomos morador. Nunca possuímos uma casa na vida, depois que meus irmãos cresceram e começaram a trabalhar nós conseguimos uma casa, essa casa grande bem aqui na entrada é do meu pai.

Minha vó morreu com noventa e um anos falando isso aí [que] o sangue de índio nós tinha. Já falava isso que toda vida eu gostei de brocar, de plantar roçado, fazer essas coisas e minha vó dizia: minha filha, quem puxar o sangue de índio nunca abandona. Lá em casa é só eu e um irmão meu que gosta disso, que mora dentro de casa, os outros já foram estudar e essas coisas assim.

A partilha de Cícera nos mostra a fusão entre território, ancestralidade e modo de produção e reprodução da vidas dos/das indígenas sertanejos, continua:

Se eu for caçar... Meu irmão é de um desses que caça e solta e eu digo: - Olha, eu vou pro mato me arriscar e se Deus me der uma caça é pra eu comer, num é pra eu vender, não é pra eu soltar não. Vou de noite, mas meu rapaz. Aí sabe! Eu tenho um rapaz que é igual eu, agora mesmo tá no mato caçando. Se faltar a mistura de Juriti amanhã, num tem a mistura do feijão, nós vamos lá pros zôî d'água que tem e traz um mói de caça, de Juriti, de Avoante. Se for o caso, nós passa a noite no mato caçando, eu e ele. Tem os cachorro bom de caça.

Mulher da Aldeia Pelada.



Sobre a caça e os elementos místicos que a envolvem, ambas as pessoas que entrevistamos relatam situações:

Sim, tem, visagem na noite. Eu digo assim porque você não vê, você escuta uma zuada diferente, quebra um pau, um cachorro late e você não sabe o que é, dá um assobio pertinho de você e você olha e não vê nada. Mas eu num...nunca tive medo não desse negócio. Este ano, no começo do inverno, nós fomos passar numa serra grande que tem aqui no rumo do Merejo que essa serra mesmo faz extrema com o Jacinto pra lá. Nós fomos passar, tava no inverno, aí deu um sereno e nós fomos caçar por detrás da serra. Nós tava lá longe na mata e acabou as lanterna. Aí o cachorro deu uma carreira num bicho e voltou e num foi mais, porque nós temos uns cachorro lá. [...] E esse bicho não ia e não ia e esse bicho quebrando pau ao redor e fazendo zoada, nós viemos embora e esse cachorro num foi pro mato de jeito nenhum e quando foi com uns dias disseram que tinham pegado umas cabras lá na serra. Disseram que tinha sido cachorro, mas não era cachorro, acho que era uma onça que tava passando, mas nós não vimos essa onça, só escutemos E essas coisinha assim de quebra pau, pedra, cobra- muita cobra... cascavel, tudo em quanto, cascavel nos mato que é muito perigoso tanto pra gente como pra gado, mas cobrinha véia normal assim... mata não, deixa ir embora.

O cachorro corre atrás de bicho as vezes e passa perto da pessoa e a gente vê que vai correndo atrás de um bicho e num é nada. É, acontece muito, já aconteceu muito comigo aí quando foi um dia, um tatu, eu tava cavando esse tatu e nós arrancando esse tatu- diz que tem o Caipora, né, que é o dono das caça e ele- eu acho que só pode ter sido ele- que nós tava arrancando esse tatu e de repente veio uma pisadeira, assim, na nossa direção, veio e ficou bem pertinho, pisava na folha e meu cachorro foi lá e deu dois latido que esse negócio quando eu fui olhar num era nada e eu que diabo é isso aí? Então continuemos a caça e quando arrancamos o tatu- vamo bem por aqui mesmo pra ver o eram esse movimento, pra ver o que tava pisando aí e não tinha nada, num tinha nada não, era só coisa da noite mesmo, mas a gente pensou que era uma pessoa mesmo, a gente ia bem pertinho, focava assim com a lanterna e num via não-

Ouvir pode ouvir, só não fiz ver, mas ouvir eu ouvi. Ouvi vindo bem pertinho assim, pisando na folha seca, era andado de uma pessoa mesmo aí... parou lá, quando eu arranquei- aquilo lá parece que é o Caipora atrás de assombrar a gente assim, pra poder a pessoa correr e deixar a cacinha de lado, né... pra gente é mais difícil aparecer assim, tem caçador que disse que já viu, batedeira nas mata, assim, mas eu nunca vi não. A única coisa que eu vi foi nesse dia aí, mas os cachorro mesmo já aconteceu muito.

Tem dia que ele tira pra perseguir mesmo que a caça ele dar quando ele quer, né? Tem dia que ele tira mesmo pra... pra perturbar os cachorro, bota os cachorro pra correr atras dele demais, parece que ele tipo se transforma em alguma coisa e os cachorro vê. Os cachorro passa a noite correndo perto e o caba num vê nada, passa bem pertinho da gente assim
Jovem da Aldeia Pau-Ferro, vinte e nove anos. Caçador por esporte, “eu pego as caça e faço a soltura de manhãzinha”

3.2 A história contada pelos/as "troncos velhos"

Os povos de origem Tupi foram os primeiros a serem alvejados pelos colonizadores europeus no litoral brasileiro. No Ceará, essa população foi agregada à região da Ibiapaba na segunda metade do século XIV, advinda de conflitos territoriais iniciados no Rio Grande do Norte. Os indígenas dessa família Tupi, são representados pelos Tupinambá que se subdividem em Tabajara (Taba=Aldeia e Jara=Yara, que domina) e Potyguara. (CIARLINI, 2009).

No século XVIII uma missão dos jesuítas se estabelece na Serra da Ibiapaba e organiza um importante aldeamento, onde os/as indígenas vão sendo inseridos (as) na lógica colonial através do trabalho com a agricultura e “[...] fornecimento de tropas para combater índios rebeldes e invasões estrangeiras”. “As aldeias missionárias na serra da Ibiapaba formarão as vilas de Viçosa, São Benedito e Ibiapina”. (CIARLINI, 2009, p. 253)

Os tabajara de Monsenhor Tabosa estão presentes tanto na área urbana, quanto rural e a grande maioria das famílias estão vinculadas à família Canuto. Essa família ocupou ao longo da sua história uma localidade conhecida como João Pereira e a Sra. Antônia Vieira da Silva, conhecida por Dona Canuto ou Canutinha, teve o apelido elevado à sobrenome que dá nome até hoje à aldeia Olho D’Água dos Canutos. A trajetória dessas famílias é marcada pelas migrações, expulsões de suas terras e trabalho escravizado.

[...] o nome dela era Antônia..., me esqueci, não lembro, mas era a dona Canuto e por isso esse apelido que vem até hoje, Zé Canuto, Chico Canuto e assim por diante e, chegando a cinquenta anos atrás- que nós migramos muito, né, nós somos morador - os patrões - há cinquenta anos atrás eu ganhei - nós adquiriu isso aqui sem saber se nós tava dentro do território e aí bem aqui em cima, onde está a cumade.

Luísa, quando nós chegamos aqui era Chiqueiro dos Bode, porque Chiqueiro dos Bodes? É porque tinha um chiqueiro véi, o chiqueiro dos bode pra lá e aí com a nossa chegada, ficou Sitio Olho D’Água dos Canuto e veio, veio, veio hoje, pra resumir - tudo endereçado aldeia dos Canuto, hoje como é a aldeia Olho D’Água do povo Tabajara, povo Tabajara Olho D’Água dos Canutos, é assim. Muitos endereços também, fica ali na rua - chega ali na cidade e se perguntar Franscisco (? Anzóis?) do Nascimento.

Cacique do povo tabajara da Serra das Matas



Eu nasci aqui, nesse torrão mesmo. Nunca saí pra canto nenhum, minha vida foi toda no mato, no roçado, nunca fui, assim, pro [sul] e nem canto nenhum, toda vida por aqui. Agora meus pai que morava aqui em tempos ruim, quando as coisa eram mais difícil. Tronco velho potyguara, raizeiro da Aldeia Mundo Novo.



Aldeia Mundo Novo
Arquivo da pesquisa

A história contínua, né! O que os mais velhos contavam, né, nossos avôs, bisavôs que os primeiros habitantes aqui eram índio, né! Coexistiam com fazendeiro. [...] Foram saindo dos seus locais, as suas terras, expulsos, né, pra navegar e foram expulsos e aí acabava muita gente se perdendo, né, e aí começou essa geração com essa índia que se casou com esse fazendeiro, né! Daí começou a geração, né, e as histórias são muito parecidas, as histórias dos Potiguara, dos Gavião, dos Tabajara e dos Tubiba-Tapuia acaba sendo uma história só, porque como é as aldeias são contínuas, tudo próximas, acaba sendo as mesmas famílias. Aí daí começou a geração, das pessoas e aí a gente - os nossos avôs que conta e aí a gente fez o resgate, né, a gente teve o acompanhamento antropólogo, veio, visitou os locais sagrados que tem, fez a pesquisa com os mais velhos pra saber a história, né, pra poder afirmar mesmo a nossa identidade.

Liderança da Aldeia Espírito Santo

4. SERRA DAS MATAS: SEMIÁRIDO CEARENSE EM BUSCA DOS OLHOS D'ÁGUA

A conhecida Serra das Matas, com suas cordilheiras, apresenta características gerais típicas do clima semiárido, com predominância do bioma caatinga, cujas temperaturas médias anuais oscilam entre 26° e 28° e a média de precipitação média anual é de 800mm (IPECE, 2010).

Decerto as características dessa região, com insolação superior a 3.000 horas/ano e umidade relativa em torno de 65%, em razão de sua aproximação da linha do Equador, marcam essa dimensão natural e o histórico das secas. Com sistema de chuvas irregulares, concentradas entre 3 e 4 meses por ano com longas estiagens.

A região Nordeste abriga o Semiárido brasileiro quase que integralmente, que corresponde a 11% do território nacional e 90% da região aproximadamente. O SAB (Semiárido Brasileiro) abrange cerca de 1.400 municípios com uma área de 1.219.021,50km², distribuídos pelo Estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia a região setentrional de Minas Gerais e o norte do Espírito Santo (MATOS, 2011, p. 83). Somam-se a esses aspectos geográficos, as dimensões sócio culturais e, novamente, as marcas coloniais.

A destruição ambiental não foi fortuita e pontual, mas um elemento constitutivo da própria lógica de ocupação da colônia. O processo civilizador do país teve início com práticas econômicas predatórias. O nexo causal existente entre a destruição da natureza e o complexo econômico, social, cultural e político, no Brasil, tinha, na mentalidade que valorava a natureza em sua importância econômica, seus fundamentos teóricos, políticos e práticos. [...] Os trópicos se inscrevem no imaginário coletivo do colonizador calcado na ideia de ‘menos valor’ - uma natureza destituída de atributos e qualidades. A essa ideia estava associada outra, a da sensação de inesgotabilidade dos recursos naturais. Havia uma natureza abundante que, generosamente, se mostrava pronta para a devastação. (MATTOS, 2011, p.84-85)

Foram muitas entradas destrutivas na caatinga, deixando ainda mais expostos os solos cristalinos, o que também contribuíram para as áreas do Estado que hoje se encontram em processos de desertificação. Agregam-se a transformação das áreas em pasto, para criação do gado, bem como para sistemas agrícolas baseados em monocultivos, substituindo a diversidade da floresta típica do semiárido outrora existente.

Essas veredas históricas por vezes estão invisibilizadas no discurso sobre as “secas”. Além das condições naturais os aspectos geopolíticos e a estrutura colonial, constituí essa realidade. E também será a partir da “seca” que diversas iniciativas do Estado serão justificadas para implementação de políticas públicas para o nordeste brasileiro, a exemplo da “indústria da seca”. A “seca” justificou diversas “obras de combate à seca”¹ que, no fundo tinham a intenção de movimentar a economia cearense.

[...] Seja pelas práticas que suscitou, de auxílio aos flagelados, de controle de populações famintas de adiestramento de retirantes para o trabalho nos campos de concentração, de organização institucional para o envio de socorros públicos e particulares [...] seja pela necessidade de unificação do discurso dos representantes desta área da seca [...]. A seca foi decisiva para se pensar [...] como um recorte inclusive ‘natural’, climático, um meio homogêneo que, portanto, teria originado uma sociedade também homogênea. (DINIZ, 2002, p.24 apud MATOS, 2011, p. 97)

Há uma vasta literatura que nos apresenta o históricos das secas no Brasil bem como as respostas legislativas e executivas do Estado. Aqui, não é nossa tarefa abordá-la, mas há de reconhecermos a importância destas breves sinalizações, a fim de compreendermos as contradições vividas pelos povos indígenas sertanejos da “Chapada Serra das Matas”, como nomeia alguns indígenas.

Foi muito difícil porque papai contava muitas histórias e a gente aprendeu com ele. [...] por conta da seca eles tomaram em troca de besteira, de farinha, rapadura, essas coisas, café e em trinta e dois ele tinha dez anos, foi escapar a seca no Santa Quitéria com dez anos só ele e a vó Canuta [...] que tinha uns parentes que trabalhavam em Santa Quitéria e foi pra lá onde foi pedir esmola, com dez anos ele pedia esmola pra a seca foi a pior, seca braba de trinta e dois e aí ele foi muito. Ele não conheceu o pai, finado Coelho, o meu avô.

Cacique Tabajara, Aldeia Olho D'Água dos Canutos

¹ Ainda no século XVIII (em 1721) ocorre um decreto destinado aos colonizadores que adentravam o sertão do nordeste, deslocando-se do litoral. Esse decreto obriga o cultivo de algumas cultura para atender a alimentação das populações sertanejas. No século seguinte, após as duas grandes secas de 1877 e 1888, que deixou mais de 500 mil óbitos, o governo federal passa a dá uma maior atenção a essa problemática. Porém, é somente no início do século XX que se institui a “política de combate à seca”. (MATOS, 2011)

4.1 “Os olhos d’água se encantaram”

Durante nossas andanças no território indígena, a água foi apresentada para nós em diversas dimensões. A princípio nomeando algumas aldeias – Olho D’Água dos Canutos, Olho D’Águinha, Grota Verde, Várzea (vale que acumula água). Depois percebemos a água presente nas práticas da medicina tradicional, bem como junto à espiritualidade e inudando lugares sagrados. A água também apareceu na escassez forjada pela crise hídrica. Dialogando com alguns/mas indígenas observamos a conexão entre a água e a terra tanto nos aspectos ancestrais, como contemporâneos referentes às suas principais reivindicações. Vejamos:

Então nossa principal luta, nossa principal reivindicação, nosso maior grito de socorro é ter nossa terra demarcada, é ter nosso território de volta. Porque não existe indígena sem a nossa terra, num pode sobreviver sem a terra. Então a terra é a nossa mãe, é nosso tudo, é a vida. E da terra, o sangue da nossa veia, é a água. E não tem, nós hoje, por conta da maldade humana, por conta das ações de crueldade dos humanos, nossos olhos d’águas se encantaram, nosso rios estão mortos, não existe água. A cidade hoje está abastecida através de poços profundos. E nós já conseguimos através de lutas, perfuração de vários poços nas nossas aldeias, mas sem conseguir localizar a água.

Liderança tradicional do movimento dos tabajaras da Serra das Matas.



Foto: Iago Barreto

A seguir Luísa identifica a herança colonial estrutural, as consequência desse processo para o pequeno agricultor, para os/as indígenas e a necessidade de demarcar a terra para garantir o retorno das águas para as aldeias.

[...] E aí eu volto a questão da demarcação da terra porque nós enquanto povo indígena, pra cuidar, pra ter todos os cuidados com a nossa mãe terra, com o nosso meio ambiente, é preciso que essa terra esteja em nossa posse. Porque hoje os posseiro que estão dentro das áreas, estão dentro do nossos territórios, são os maiores causadores da destruição... do desmatamento, das queimadas, do lixo. Viva o boi e morra o homem! É desmatar para plantar palma, pra criar o gado. E essa cultura as vezes se enraíza no próprio pequeno, no próprio indígena que já carrega essa cultura nas costas, do colonizador quando chegou, que invadiu.. Então nós sofre isso porque com a terra demarcada, nós podemos solucionar várias situações, inclusive a água né! A água, porque quando você desmata a nascente de um rio, matou o rio. Então a nascente tem que ser preservada, e quando essa nascente está lá numa área que o posseiro diz que é dele, então se acha no direito de também ser o dono do rio. E esse rio atravessa vários municípios, toda uma nação, indígena ou não vai precisar daquele rio ali. Então é coisa muito séria, é de muita urgência, nós ter nossa terra demarcada.

Liderança tradicional do movimento dos tabajara da Serra das Matas.





Os conflitos que a gente tem - a primeira - a maior bandeira de luta é a demarcação das nossas terras, né!

E segundo, é a preocupação que a gente tem em relação à preservação das nossas nascentes, que as duas nascentes principais do estado do Ceará, rio Acaraú nasce aqui dentro do nosso território e do Quixeramobim.

E boa parte desse território já está sendo desmatado por as vezes os próprios indígenas. por influência da agricultura arcaica e de pessoas que não são indígenas.

Homem Tabajara, Aldeia Olho D'Águinha.

1. Indígena Tabajara. Foto: Iago Barreto

2. Nascente do Rio Acaraú, Aldeia Serra Branca. Arquivo da pesquisa.



A nascente do Acaraú, ela nasce na Belmonte, né! tem a parte também da Serra Branca e tem vários afluentes, vários olhinhos d'água. Então várias comunidades recebem o nome de Olho d'água - aqui mesmo recebe o nome de Olho d'á por causa que tem uma nascente de olho d'água, né?! que é do Quixeramobim. E aí é isso, a grande luta nossa é a preservação das matas que, infelizmente ainda as pessoas usam aqui. Nós não temos incentivo nem do poder municipal, nem do governo federal. A questão de você trabalhar agricultura agroecológica, então a única forma que a nossas famílias tem ainda é, infelizmente, a forma da agricultura convencional. Tem pessoas que ainda fazem uso de máquinas, né, de maquinário pra preparar a terra, o arado da terra, plantar milho, feijão, mas nem todas as comunidades têm trator, né, que é conseguido por associações e aí é uma forma de não tá brocando todo ano, tá brocando área e queimando; escolher uma área certa pra fazer o plantio. Nem todo mundo tem essa condição, né?
Homem Tabajara, Aldeia Olho D'Águinha.

Os dois principais rios do Ceará nascem nas nossas aldeias tabajaras que é o rio Acaraú e o Quixeramobim. Nasce na aldeia Belmonte e Baixa Fria. Aqui mesmo na aldeia Olho D'Água dos Canutos nós temos uma nascente do rio Quixeramobim que deságua para o Açude da Barra que o açude que abastece a cidade [Monsenhor Tabosa], mas tá seco.
Liderança tradicional do movimento tabajara da Serra das Matas.



[...] Porque a gente sempre procurava, nossos antepassados procuravam, as águas, né?! Onde tinha água pra gente estar podendo sobreviver e aqui é nascente do rio Acaraú, que passa em Sobral e vai desaguar na praia de Acaraú. E nascente do Quixeramobim que é outro, né?! Então aqui é a nossa serra, eu sou Tabajara, essa é minha raiz Tabajara, meu pai chama Messias, já falecido já - encantando, minha mãe também é encantada. E famílias, denominado porque chamava Cassimiro da parte do papai e da parte da minha mãe Pachico, [...] e que pra nós nada mais fundamental dizer que nós somos Tabajara, né?!

Homem do movimento Tabajara da Serra das Matas.

Como é possível verificar, através desses depoimentos, a água tem muita importância para os povos da Serra das Matas. Seja para a sobrevivência, para o cultivo das plantas, cuidado dos animais, também há uma relação espiritual que não ousamos aprofundar nestas páginas. É notório a preocupação das lideranças com as nascentes e olhos d'água. A água também está presente nos "remédios do mato" (mesinhas, chás, lambedores, banhos), nos rituais de batismo e na cura através da reza, conforme contou pra gente Dona Maria Vieira, da Aldeia Grota Verde.

As vezes quando quero, boto uma águinha, uma águazinha numa vasília e boto um pouquinho de sal...só pra botar aqueles ramim dentro, pra rezar pra tirar aquela (vermelha [?])

Ao passo que a água está presente nas memórias e na construção da identidade, do modo de vida e da espiritualidade indígena, atualmente está ausente das nascentes, dos olhos d'água e do acesso escasso às políticas públicas de convivência com o semiárido. De modo geral, a pesquisa mostrou que a principal tecnologia de convivência com o semiárido que as famílias das aldeias acessam, é a cisterna de placa de primeira água com 16 mil litros para o consumo doméstico. Alguns territórios têm a cisterna de segunda água, com 50 mil litros para uso coletivo seja na escola, e/ou para agricultura e animais.

Em todo o território somam 25 cisterna calçadão, 23 cisternas de enxurrada e 14 sistema de abastecimento poços profundo. Das 38 aldeias, 16 têm poços profundos conquistados junto à SESAI. São as aldeias: Arara dos Francos, Arara dos Marianos, Gameleira, Longar, Pitombeira dos Beneditos [do município de Boa Viagem]. Aldeia Viração [município de Tamboril], Chupador, Espírito Santo, Jacinto, Merejo, Olho D'Água dos Canutos, Olho D'Águinha (exclusivo para a UBSI) Passagem, Rajado, Tourão, e Várzea [município de Monsenhor Tabosa]. Barragem subterrânea, tanques de pedra, barreiros trincheira e cisterna telhadão multiuso, tecnologias previstas em leis, não estão presentes nos territórios indígenas.

Lei nº 12.873, de 24 de outubro de 2013: Trata, nos artigos 11 a 16, da instituição do **Programa Nacional de Apoio à Captação de Água de Chuva e Outras Tecnologias Sociais de Acesso à Água - Programa Cisternas**

Decreto nº 9.606, de 10 de dezembro de 2018: Regulamenta o **Programa Nacional de Apoio à Captação de Água de Chuva e Outras Tecnologias Sociais de Acesso à Água - Programa Cisternas**

Além das políticas relacionadas à garantia do abastecimento hídrico, também observamos a escassez de políticas de incentivo à produção agrícola, a exemplo do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF). Também não identificamos estímulos do Estado à participação nos Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e no Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

Compreendemos que tanto a garantia do direito à água, quanto a promoção da agricultura familiar, são dimensões que poderiam fortalecer o SasiSus e, por sua vez, fortalecer a saúde indígena.

O direito dos seres humanos à água e ao saneamento foi reconhecido pela Resolução A/RES/64/292, da Assembleia Geral das Nações Unidas, em 28 de julho de 2010 bem como pela Resolução A/HRC/RES/15/9, do Conselho de Direitos Humanos da ONU, em setembro de 2010. (MAIA, 2016).

Apesar dessa e de outras garantias legais, observamos que a água vem se tornando, assim como os grãos e os minérios, uma commodity e no Ceará temos exemplos disso. Assentamentos no municípios de Jati, distando poucos quilômetros do primeiro eixo da transposição do rio São Francisco no Estado, são abastecidos por carros pipas e não houve nenhuma estrutura destinada ao abastecimento dessas comunidades, advinda da transposição.

No Complexo Industrial e Portuário do Pecém (CIPP), temos diversos territórios que antes da implantação da termelétrica e da siderúrgica, tinham olhos d'água brotando nos seus quintais, mas hoje também dependem do abastecimento de carros pipa. Enquanto isso a transposição do rio São Francisco, integrada ao Eixão das Águas e ao Canal do Trabalhador e mais de 40 poços profundos que foram perfurados, garantem a demanda de água para as indústrias.

Também observamos enorme contradição no Consórcio Santa Quitéria, que prevê a utilização de um quantitativo de água que corresponde a 83 carros pipas por hora, ao passo que dezenas de comunidades da região, especialmente aldeias indígenas, sobrevivem com uma média de 3 a 6 carros, por mês.

Essas problemáticas evidenciam que a crise hídrica presente não somente no Ceará, não está relacionada apenas aos aspectos de natureza físico-geográfica, mas principalmente vinculada as relações sociais de produção, cujo Estado vem priorizando atender às necessidades dos megaprojetos, em detrimento das necessidades básicas para sobrevivência humana.

Terra, água, sementes, ventos, minérios, carbono, biodiversidade e conhecimentos tradicionais associados, portanto, são utilizados para atender a uma demanda crescente de consumo; transformados em commodities a serem negociadas no mercado financeiro internacional e retirados de diferentes territórios que recebem sobre si a expropriação do acesso aos bens da vida. (MAIA, 2016, p. 439)

A água sempre foi um desafio para as populações do sertão cearense e essa problemática sempre foi tratada pelo Estado com ações mitigadoras, que nunca resolveram estruturalmente a escassez para as populações camponesas. Porém, para a mineração, por exemplo, o governo do Ceará se comprometeu com a construção de uma adutora, bem como concedeu outorgas de alguns açudes, para o Consórcio Santa Quitéria.

Maia (2016) visibiliza diversas outras contradições do Estado cearense que se relaciona com a crise hídrica. Em suas palavras “[...] o Estado [atua] enquanto regulador da expropriação hídrica” e garante as condições infra estruturais para o desenvolvimento de atividades econômicas hidrotensivas e poluentes. Essas condições não vêm sendo garantidas para os demais grupos sociais. A exemplo da Aldeia Grota Verde, uma das poucas [excessão] que consegue abastecimento hídrico advindo de poço profundo e não de carros pipa, além da coleta de água da chuva.

[...] a água vem de um poço e a gente joga ela num reservatório e o reservatório joga água pras casas. Ai no reservatório tem um clorador e ai sobe pras casa pra fazer a medição saber se tá normal, [se] tá funcionando ou não, pra que ela chegue com qualidade nas casas. [um poço profundo da própria aldeia Espírito Santo] Tem vazão de dois mil e cem por hora. Graças a Deus tá dando pra suprir as necessidades aqui da aldeia. Rezadeira da Aldeia Grota Verde.

Observamos, portanto, que há uma prioridade do estado do Ceará para capturar água para o mercado, em detrimento da sua garantia para as condições de sobrevivência de populações, especialmente ocupantes de territórios não urbanos, camponeses. (RIGOTTO, 2018).

5. ÁGUA, "O SANGUE DA TERRA" QUE GARANTE SAÚDE

*Nós temos uma planta centenária que se chama Benjamin, ela é muito antiga aí. Tem um tanquezinho lá que é um local que quando você vai, qualquer filho que for que passar, né - a gente sente ali como local sagrado, a gente se sente bem naquele ambiente, é bom, é espiritual. E também nós temos a casa de farinha, onde preserva essa cultura que aí ela toda vez- todo período do mês de Julho ou Agosto, acontece as farinhadas. É uma forma de manter a cultura e preservar também a alimentação, segurança alimentar. Infelizmente a gente não tem é a valorização desse produto, né?! a saída do mercado, né?
Homem Tabajara da Aldeia Olho D'Águinha.*



Os dois principais rios do Ceará nascem nas nossas aldeias tabajaras que é o rio Acaraú e o Quixeramobim. Nasce na aldeia Belmonte e Baixa Fria. Aqui mesmo na aldeia Olho D'Água dos Canutos nós temos uma nascente do rio Quixeramobim que deságua para o Açude da Barra que o açude que abastece a cidade [Monsenhor Tabosa], mas tá seco.

Liderança tradicional do movimento tabajara da Serra das Matas.

5.1 Aproximações das condições de saúde do território indígena Serra das Matas

A pesquisa de campo também nos aproximou das compreensões sobre saúde a partir da sabedoria e da ciência indígena, também nos apresentaram, além de conceitos sobre saúde, a sua relação com a água, vejamos a seguir:

E quando a gente fala de saúde, as vezes a pessoa só ver aquele atendimento médico, o comprido, a gota e nós não podemos ter felicidade se nós não tem a nossa terra demarcada. A maior urgência que nós tem na nossa vida de sobrevivência é a nossa terra demarcada. Nosso espaço sagrado que está na mata, a espiritualidade nossa, tudo depende da terra, da mata. Os outros seres o outros animaisinhos que são nossos irmãos que precisam desta mata, que precisam desta terra e que são nossos irmãos que nós dependemos deles pra sobreviver e eles também dependem de nós. Então é muito difícil nós garantir a nossa própria dignidade sem a nossa mãe terra.

Liderança tradicional do movimento tabajara da Serra das Matas.

A saúde, né, é uma classe, que a gente vem lutando, né, pra sempre manter a questão da saúde. Num é nem a questão de se curar de uma doença, mas se manter saudável antes de adoecer, né?! E aí a gente tem essa questão também prevenção, das formas de alimentação que ajuda na saúde e isso a escola sempre vem fazendo esse trabalho. Também foca até a escola também, tem um foco de trabalhar a questão do lixo na aldeia, das coisas causas que causam doenças.

Professora da Aldeia Mundo Novo.



Dando continuidade a importância da água para garantia da vida em sua diversidade e promoção de saúde na terra indígena Serra das Matas, consideramos estratégico conhecer o trabalho realizado pelos profissionais da saúde. Nas etapas dessa já referida pesquisa de campo, realizamos entrevistas com os/as profissionais da saúde que também são indígenas. Foram entrevistados/as Agente Indígena de Saúde (AIS), Agente Indígena de Saneamento (AISAN) e o Agente de Controle de Endemias. Ao todo foram entrevistados 20 profissionais indígenas. Os/As demais profissionais da equipe multiprofissional não participaram em razão da não autorização do Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI).

ALDEIAS	CATEGORIA
Olho D'Águinha Olho D'Água dos Canutos	1 AIS/1 AISAN/1 Ag. de Endemias 1 AIS e 1 AISAN
Mundo Novo Boa Vista	1 AIS e 1 AISAN 1 AIS e 1 AISAN
Pitombeira Arara dos Marianos/Arara dos Francos/Gameleira	1 AIS e 1 AISAN 1 AIS e 1 AISAN
Espírito Santo Pau Ferro/Passagem	1 AIS e 1 AISAN 1 AIS e 1 AISAN
Grota Verde Jacinto/Merejo	1 AIS e 1 AISAN 1 AIS

Vejamos alguns relatos do trabalho realizado por esses/as profissionais, que contribuem na gestão das águas dos territórios e, por sua vez, com a promoção da saúde.

Como eu trabalho no sistema, é um trabalho bom que eu ligo o sistema né?! E todos os dias eu boto água pra cada residência e também eu faço a parte sobre os depósitos [resíduos que podem acumular água parada] para ter o cuidado, para não desenvolver doença da dengue, chikungunya. Nós fazemos também o trabalho das queimada de lixo né?! Para cada residência ter o cuidado de não aumentar o lixo das residências.

Homem Tubiba Tapuia da Aldeia Arara dos Marianos

Sobre dificuldades encontradas na realização do trabalho:

Eu acho assim, a dificuldade que eu encontro é mais na época da estiagem, sempre, porque no dia a dia a gente procura levar sempre água de qualidade pro pessoal, mas a estiagem sempre é mais dificultoso. Como as famílias são, a minha aqui são 23 famílias que recebem abastecimento. Mesmo eu colocando água [...] todo dia não é o suficiente, ai a gente conta com a ajuda dos carro-pipa. As vezes não é o total certo, mas é o que eles podem fazer né?! A minha dificuldade é mais essa. Eu agora na pandemia tô achando maior dificuldade é a inspeção de depósito de água porque muita gente acumula água dentro de casa em depósito, então se o AIS não pode entrar na casa [em razão da pandemia], até pelo uma forma de prevenção, como é que ele vai ver algum depósito? E aconteceu na minha aldeia assim caso de dengue e não tem como a gente tá entrando em todas as casas por conta do risco, né?!

AISAN, Aldeia Pau Ferro.

Sobre o trabalho realizado pelos/as AIS, vejamos:

Sou Agente de Saúde aqui da área da Pitombeira. O jeito da gente atuar é assim: são 125 famílias [acompanhadas], bastante extensa a nossa área, 330 e pouco [pessoas]. Ai a gente sempre, nas visitas que a gente faz né [...] que tem os RAS que são os hipertensos, tem os diabéticos a gente sempre tá orientando eles a tá usando assim [...] As vezes agente chega numa casa e a pessoa tá com a pressão muito alta, ai as vezes o remédio não tá fazendo efeito naquela hora ali a gente orienta eles a fazer um chá de alho ou botar um alho de molho e ficar tomando que é bastante bom também. Tem o quebrante nas crianças [que] a gente orienta a levar na rezadeira .pra benzer, ai é assim o nosso dia a dia.

AIS da Aldeia Pitombeira.

Porque no meu caso, eu já faço os encaminhamento das família pra médica, faço os encaminhamento das pessoas pro dentista, faço a liberação de carro de paciente, faço acompanhamento de hipertenso e diabético, faço acompanhamento do idoso, faço acompanhamento das criança. O acompanhamento da criança é uma coisa que exige muito mesmo atenção do AIS, porque tem a questão da vacina, a questão do peso e da medida pra saber se está na tabela normal. E exige muito assim, por mais que a área seja pequena que as casa sejam perto mas são um número de pessoas bem elevado.

AIS da Aldeia Passagem.

Sobre as dificuldades encontradas:

A dificuldade é falta material os, EPIs pra gente desenvolver o trabalho, assim pra gente se deslocar. A gente desloca no próprio transporte da gente né correndo risco de acontecer algum acidente coisa assim né!? E também toda despesa é por conta da gente [...] Se a gente vai pra uma aldeia com distância de cinco quilômetro ou seis né ou dez né a gente vai por conta da gente, por conta própria. Não tem essa parte fora o salário da gente pra botar uma gasolina um transporte nem nada. Aí o transporte também não roda só com gasolina tem a manutenção também né!? Se for dentro da aldeia dá pra ir de pé né mas quem trabalha em três aldeia né num pode ir de pé, daqui pra aldeia a dez quilometro oito quilometro né.

AIS, Aldeia Boa Vista.

Observamos que há uma conexão entre a medicina proposta pelo SasiSus e a medicina indígena, conforme sinalizado no depoimento da Suzete. Seguem outros que exemplificam essa importante interação.

[...] A gente acompanha os hipertenso né os idoso, também as mulheres que é o dia delas fazer as prevenção a gente também tá ali convidando elas pra fazer a prevenção. A gente trabalha também com as medicinas tradicionais. Que a gente na hora que precisa de uma criança tá com um problema né que não é pra medicina ocidental né a gente leva pro benzedor né se não tiver aqui a gente vai pra outra aldeia né onde tem os benzedor também né. A gente leva pra lá a criança tá com o reto caído, tá com algum problema assim né a gente leva pro benzedor né. A gente sempre tá trabalhando a saúde ocidental e a saúde tradicional também. A gente tem que valorizar essa saúde que da gente as vezes tem bem pertim da casa da gente e a gente não valoriza né vai valorizar os remédios que vem da farmácia as vez né.

AIS da Aldeia Boa Vista

Finalizamos essa sessão com outro depoimento de um profissional da saúde indígena:

A gente trabalha na parte do saneamento em doenças hídricas relacionada à água à diarreia, à cólera. Também trabalha visando o conteúdo das harboviroses as viroses que é dengue, chikungunya, zika. A gente faz todo esse trabalho na educação a gente trabalha também nos resíduos sólidos né?! Na educação e saúde dos resíduos sólidos a questão do lixo fazendo o tratamento adequado como o manejo do lixo como se deve ser feito o manejo e visando aí também sempre a prática da medicina tradicional né?! com nossos Pajé com nossas liderança com nossos tronco velho né. E é isso a gente trabalha muito, é muito trabalhoso, mas muito satisfatório também quando a gente trabalha no que gosta de fazer, ajudando nossa comunidade o máximo. E é isso, a gente trabalha com um pouco assim de tudo né. A gente também trabalha em parceria com os agente de saúde, não trabalha só visado nas doenças hídricas né o que a gente pode se ajudando juntamente, a gente trabalha em conjunto.

AISAN.

[...] o que eu tenho pra dizer que sobre a vida aqui na aldeia é boa, eu gosto... porque a gente tem mais tranquilidade, um pouco mais de liberdade, um pouco mais de sossego auditivo. Sempre na aldeia é melhor do que na cidade grande. Eu morei na cidade grande quinze anos, a gente sabe o quanto morar na cidade grande e o sossego que se tem aqui numa aldeia, né?

Liderança.

5.2 E existe saúde sem água?

Sobre a água na aldeia Espírito Santo, as dificuldades e o uso no cotidiano.

Só pra lavar roupa e dar água pros animais, e pra beber é da cisterna. Eu fiz um açudezinho, mas ele tá secando, provavelmente agora ele seca ele não encheu esse ano [2021] Tem muito peixinho lá e vai morrer tudinho. Cará- as vezes eu pego; quase toda tarde eu pego, peguei quase dois quilos, toda tarde eu pesco. Eu comprei as traíras e os curimatans, os carás eu peguei no açude vizinho. Lá tem muito peixe novo, os velho estão mais pouco, mas peixe novo tem muito e vai morrer tudinho porque o açude é pequeno.

Pajé do povo potyguara, Aldeia Espírito Santo.

Nós temos um conselho político formado por dez aldeias aldeias tabajara e já faz uns anos e que nós vem tentando com esse trabalho com o lixo e a gente sempre cobra do....tem um lixão do municípios que é dentro de uma aldeia nossa, da Malhada da Onça..a Aldeia da Francisquinha da Pajé, que hoje está na presidência do conselho de saúde. Aí nós temos feitas várias ações neste sentido de tá protegendo o meio ambiente pra está protegendo a nossa saúde.

A escola é um meio de sistematizar e fortalecer e manter viva a nossa cultura em forma de registro na escrita, porque oral a gente tem, mas a gente não tiver esse cuidado de tá registrando a nossa cultura, nossa forma de viver, de se comunicar, de agir, pode se perder algo do tempo - se a gente não se preocupar com essa parte. E a escola pública Caceitero tem esse cuidado, né?! Ela foi criada pra trabalhar realmente a nossa cultura, registrar, e também manter o nosso jeito de ser pra gente poder entender a sociedade indígena e não indígena.

Então nesse processo de educação escolar indígena - porque a educação indígena e educação escolar indígena são duas coisas diferentes. A educação escolar indígena ela veio pra ajudar a registrar, manter e fazer a divulgação. E a educação indígena é aquilo que a gente aprende de pai para filho, de avós. Só que dentro da escola, dentro dos conteúdos a gente tem a parte diversificada onde a gente trabalha as plantas medicinais, levantamento de quantas plantas a gente tem na aldeia que são medicinais.

A gente usa- dentro da nossa língua, a gente fala isso: as plantas que curam e as plantas que matam, porque não só tem as planta que cura, tem as que matam dependendo do uso ou do mau uso, né, da planta e também a gente trabalha com os mais velhos dentro das

salas de aula dando palestra, ensinando fazer as medicinas na questão da ciência.

A gente foca muito na questão da ciência indígena, né, que é o conhecimento das plantas, das partes das plantas, por que uma planta medicinal, mas aí ou é a folha ou é a raiz ou é o caule ou é a flor, então a gente tem que saber dessa parte aí pra gente poder está usando. Então os nossos mais velhos, a gente busca isso, leva eles pra dentro da sala - são professores nativos, né, que vão reforçar isso na sala de aula e o professor... transforma isso em escrita, em texto, né?! A gente também tem muito material traduzido não publicado, por que os apoio são pouco, né, pra gente publicar.

Professora, Aldeia Mundo Novo.

São vários, né, os desafios, mas a questão da economia é muito dificultoso, porque assim o inverno a gente tá com muitos anos que a gente não teve inverno, né?! Antes quando o inverno era bom, todo mundo se sustentava da agricultura, né, plantava roçado a colheita era muito, então ia dando pra sobreviver. Hoje em dias estão mais difíceis as coisas, né, o mais difícil pra pessoa sobreviver.

Liderança da Aldeia Espírito Santo.

Todas as famílias têm cisterna de primeira água chegou a aldeia através do projeto São José...Poços, água salgada...não têm Dessalinizador...Recebem carros pipa da Defesa Civil e da Sesai, uma média de 8 ao mês.

Cisterna de placa, duas cisterna calçadaão, uma de enxurrada, uma barraagem subterrânea que foi feita acima do olho d'água e por conta disso o olho d'água encantou-se, nós temos também o açude que foi feito com recurso público que também tá seco. E tem dois cacimbão ainda com pouco de água, por conta da barragem que prendeu um pouco a água e sustenta essa água no cacimbão.

A nossa salvação são os carros pipa e ainda um milagre da natureza que estão pegando essa água em algum lugar, mas ai ninguém sabe as vezes nem da qualidade da água que vem, de onde estão tirando, não temos certeza. Essa água do carro pipa e da cisterna é mais pra o uso doméstico...pra beber ou a gente compra água mineral ou reserva uma cisterna só pra isso...da água da chuva.

Liderança tradicional dos Tabajaras da Serra das Matas.

E nós diz que isso aí não dar água e eles diz "dar porque nós somos engenheiro e não sei o quê", não vai lá no lugar que a gente pede pra ir, então é outra reivindicação por água, né, e o direito que nós temos da saúde. Outra reivindicação grande também que nós reivindica constantemente é exatamente a aproximação de nós indígenas com a Sesai, porque existe uma distância de duzentas léguas, sabe? É uma distância do tamanho do

mundo, aí ficam dizendo num sei o quê, num sei o quê nas live, porque são tudo puxa saco - sentou naquelas cadeiras ali são puxa saco do Estado e discrimina nós - é dito e feito.

Liderança da Aldeia Mundo Novo

Num dá porque não tem água. É dois cacimbão, mas vive seco, a gente vive totalmente do carro-pipa pra tudo e de alguma cisterna que alguém preserva com a água aí fico doando para outro, porque quando seca mesmo do cacimbão tem um rapaz aqui que tem uma cisterna com água de chuva e aí ele doa... a gente tira da água dele e ele pega da outra água ruim pra ir lavando roupa, cozinhando e a gente bebendo - aqui todo mundo é compartilhador.

Marli, professora e praticante da medicina tradicional da Aldeia Mundo Novo.

MAIOR DESAFIO RELACIONADO à SAÚDE

O maior desafio é o Bolsonaro.

Nós fomos pra macha em Brasília e nós fomos proibidos de ser tesado no nosso pólo base de saúde...levaram nós pra uma extensão da nossa escola abandonada em Boa Viagem porque nós não podia ser testado no nosso pólo base que é um conquista do povo...e outra gravidade também que as pessoas que trabalham na saúde indígena que fosse pra manifestação era pra ser descontado no salário. Ai vai ter o encontro distrital do conselho...e nós vamos tirar o encaminhamento com relação a tudo isso...nós vamos enviar pra o secretário e também pra o conselho

6. “MEDICINA TRADICIONAL”, CULTIVANDO A ANCESTRALIDADE INDÍGENA

Nesta caminhada de aproximações iniciais da terra indígena Serra das Matas, observamos que a "medicina tradicional", como é chamada a prática de cuidado em saúde cultivada ancestralmente, vem sendo ferramenta de reconhecimento e afirmação étnica dos/das indígenas do sertão cearense.

Esses saberes, envolvem o conhecimento profundo da natureza, especialmente das plantas, das formas de cultivo da terra, dos ciclos da água, das relações com os animais, bem como da espiritualidade. Essa, por sua vez, estabelece conexão direta também com a natureza, com "os encantados" e em alguns momentos com elementos sincréticos da religiosidade brasileira, ora do catolicismo, ora da umbanda e também do protestantismo.

Os/As praticantes desta medicina nos revelam, a partir das suas declarações, que essa ciência foi aprendida ao longo do tempo, sendo passada de geração a geração. Portanto, nesta derradeira sessão do dossiê, buscamos visibilizar essa ciência que promove saúde em alguns momentos, articulada com a saúde organizada pelo Estado.

Poderíamos dedicar um único dossiê de sistematização dessas práticas, quiçá noutro momento conseguimos realizar tal trabalho, mas por hora, compartilharemos o possível, do muito que nos foi apresentado nas entrevistas, nas visitas aos quintais, nas apresentações/rodas que realizamos junto às aldeias e também no exercício de observação participante.

6.1 Práticas de cuidado em saúde

Eu já tenho pegado criança e...sou muito feliz. Eu sou feliz porque a gente as vezes as pessoas tão sofrendo, ai vem se valer de mim ai eu vou rezo nela [...] Rezo nelas com fé né porque Deus é grande e a fé! E Deus ele bota muita força a gente pra gente ter força também pra poder ajudar quem tá precisando né?! E tem vindo dando certo. As vezes tem delas que vem com muita dor, eu passo a mão nelas e rezo nelas. Tem delas que até ganhar neném quando chega no hospital ganha, antes de chegar já rai sofrendo e antes de chegar no hospital ela ganha neném. Tanto elas fica felizes como eu fico feliz e a gente tem fé muito em Deus porque Deus é grande né.

Rezadeira da Aldeia Grota Verde.

O início dessa partilha por si só já revela como há uma relação extremamente conectada entre saber ancestral, espiritualidade e promoção de saúde através das práticas das indígenas da Serra das Matas. Perguntada se utiliza algum instrumento, alguma erva pra rezar, a rezadeira da Aldeia Grota Verde, mãe de sete filhos, responde:

Não uso não minha fia é só a fé que eu tenho e é a fé em Deus né?! Ai eu sei que elas tanto elas tem fé em mim como eu tenho fé em Deus pra dá força a ela e coragem, né?! (brevíssima pausa) e graças a Deus tem vindo dando certo. Eu aprendi com meus avoões, eles ensinavam a gente, ai passou pros meus pais, ai meus pai ensinava como era que fazia, rezava bem direitim e tem vindo dando certo. Ai depois meus pais, já não são mais vivos né, ai eu passei a rezar e eu tenho fé (breve pausa) e tem vindo dando certo...porque a gente tendo fé em Deus tem tudo na vida gente.

As rezas também são feitas para que as mulheres gestantes consigam ter um bom parto.

"Essa reza acontece no início do trabalho de parto, quando "[...] aquela dor descendo pras perna ai eu vou rezo., porque a fé que a gente tem e elas também tem as vez quando chega lá ela já vai é pra ganhar neném, é rápido. Graças a Deus!"

Essa senhora indígena, rezadeira, também realiza essa prática de cuidado à distância, já rezou até em gestante de outros Estados.

Da mesma aldeia, Grotta Verde, conversamos uma mulher mãe de 15 filhos, com 12 sobreviventes (que "se criaram"), conhecida por várias aldeias pelo café com cravo que faz. Também faz "remédios caseiros", como chama.

É...de primeira a gente curava tudo era com chá também. Uma pepaonha, uma pílula do mato. Hoje em dia o povo não usa mais essas coisas né só querem remédio da farmácia aqueles remédio caseiro pra eles não serve de nada. Mas os remédio caseiro...Agora mermo agora mermo eu só tinha mastruz lá em casa, que tem que ter [Diga ai] mastruz, romã; assim ou jatobá, hortelã, pepaonha. Umas pouca de coisa você prepara bota numa panela deixa ferver bem pra ela tá bem fervida que aquilo ali já tá cozido. Você coa e bota na panela pra poder botar o açúcar pra fazer o mel.

Ainda sobre as práticas de cuidado em saúde como uma ferramenta de continuidade e afirmação étnica, vejamos:

Minha mãe sempre me ensinava as coisas do mato, quando eles adoeciam porque tava comendo terra quando era pequeno eu dava o chá da folha do melão São Caetano que é uma folha amargosa. Quando tinham febre que era fora de hora da noite não tinha como ir para o hospital porque eu tinha só uma bicicleta, mas a pessoa já - enquanto tava com a febre baixa não levava. Eu cansei de dar o chá da raiz do bamburral - de mais, os meus menino era pequeno. Quando hoje que ele já cresceram eu paro e fico pensando como a vida era muito difícil, mas a saúde, assim, era mais melhor, porque a gente não vivia só doente, não vivia em exame e tudo enquanto. Só quando tava muito pesado mesmo e não tinha o remédio do mato não tava dando jeito. Meus menino no início da criação com isso

na era de noventa, noventa e nove e aí a partir de dois mil e três pra cá que foi melhorando, mas nunca deixamos deixamos os remédios caseiros, a gente só procurou o hospital quando não dava mais jeito, mas assim depois do hospital a gente ainda continua. Meus menino também quando era novo, criancinha que gripava, o sabonete deles, a proteção deles evitar escorrimento é a casca da umburana de cheiro, botava de molho e aí pra lavar a cabeça ainda hoje quando tá muito forte, eu ensino eles a usar.
Professora, praticante da medicina tradicional, Aldeia Mundo Novo.

Observamos dois homens jovens das aldeias Olho D'Águinha e Mundo Novo, respectivamente, que apresentam também, ainda timidamente, uma força espiritual voltada para prática da reza. Um deles também é artesão, faz esculturas (pássaros principalmente) a partir dos troncos da imburana, expressando também um conhecimento profundo das árvores e das aves da região. O outro, além de trabalhar com as abelhas, mostrando sua conexão também com o reino animal e vegetal, expressou em alguns momentos dos nossos encontros do campo, uma sensibilidade para reza.

Há uma predominância das mulheres junto a essas práticas. Abaixo, uma fala de uma mulher da etnia tubiba-tapuia que pratica e mantém viva essa "medicina da mata".

É, inclusive eu tava mostrando aqui as minhas unhas tudo encardida, porque eu fui lavar umas cascas de pau que solta tinta e fazer uma garrafada pra minha filha mesmo que mora em Fortaleza e ela veio passar as férias agora e eu fiz uma pra ela. A minha medicina também é excelente porque passa os tipos de gripe, inflamação, nesses tipos assim nosso remédio é sagrado, nosso remédio cura.
Mulher tubiba-tapuia da Aldeia Pau Ferro.

Essa mezinheira tubiba-tapuia expressa na declaração que fez para nós a ancestralidade desta prática de cuidado:

Aprendi com a minha mãe, com a minha avó que ensinou pra ela. Também caço, trabalho com palha, faço vassoura, faço chapéu, eu bordo, eu faço crochê, inclusive eu tinha um monte de coisa bordada e de crochê lá em casa. É garrafada, eu faço chá também, o chá é mais fácil. Mas a garrafada a gente junta uma parte de sete mistria, mais ou menos - é um par as misturas. As pessoas chamam de sete mistrias ou nove mistrias. É, a mistria. Eu, inclusive, eu fiz dezenove mistrias agora pra minha filha.

6.2 Registrando a "medicina da mata"

Nesta sessão estão alguns registros de adoecimentos e a forma como essa medicina tradicional cuida, com base no que foi dito durante os intercâmbios de experiências relacionadas aos cuidados tradicionais.

Bálsamo: chá da casca para inflamação;

Chanana: chá para “problemas de urina, ácido úrico” e a água da raiz para hemorroida;

Alfavaca: banhos para icterícia e cuidado espiritual;

Folha da Graviola: seis folhas cozidas para prevenção do câncer de prostata;

Mel do Angico

Mastruz: “colocar no ferimento”

Cana Preta e Colônia: Chá das folhas para depressão;

Goiabeira: folha utilizada como antibiótico;

Cidreira da folha grande, conhecida por Melissa;

Cidreira da folha pequena, conhecida por Carmelitana;

Romã, Corama, Malvarisco e Boldo da folha grande: lambedor bastante utilizado durante do período da Covid-19 para Tosse.

Mel de Coentro Verde para febre e gripe;

Mentol, Coronha e Santa Terezinha, foram outras plantas utilizadas nas medicina tradicional.

Quebra Pedra: chá para pedra nos rins;

Cera do Limão: advém da abelha chamada de “limão” e essa espécie faz essa cera no Angico ou na Aroeira. O cheiro dessa cera serve para "estalecido";

Vassourinha: “dor nas urinas”;

Chanana: cicatrizante

Mororó: o chá da casca serve para emagrecer;

Jaramataia: para problemas nos ossos e na coluna;

Jucá: vagem serve para ferimentos;

Côco: folha serve para gastrite;

Feijão Brabo com Jurema preta: serve para dor de dente;

Cana-de-açúcar: chá da folha para depressão;

Manga: chá da folha serve para falta de ar;

7. LUGAR DE CHEGADA

Alguns achados e observações iniciais

- As trajetórias históricas das aldeias se assemelham, em alguns aspectos, com as migrações vividas também pelos povos camponeses do sertão cearense. As relações de trabalho em condições de super exploração, com fortes marcas da escravidão, também estão presentes nos relatos partilhados;
- A construção da auto identificação e retomada da ancestralidade indígena, tem início na região na década de 1980/1990, mas ainda está em curso. A luta pela demarcação das terras dos povos da Serra das Matas ainda incomoda o poder local, bem como a população não indígena que, pratica racismo cotidianamente, duvidando e questionando a história ancestral desses povos indígenas na região;
- A medicina ancestral, tradicional nos aparece como uma importante ferramenta de afirmação da memória indígena, haja vista todos os saberes e feituças de cura terem referência nas formas de cuidado em saúde dos/das antepassados/as, vivos na memória oral dos/das praticantes atualmente;
- Apesar de algumas diferenças na forma de organização dos dois movimentos, há uma importante e fortalecida articulação entre ambos que conseguem garantir vitórias para todas as aldeias, independente ao qual movimento pertence;
- O pouco acesso às políticas de convivência com o semiárido imprime talvez, o maior desafio vivido pelas aldeias, que é o da garantia da água. “Como ter saúde sem água?”. Em razão disso a luta pela demarcação da terra também é estratégica e deve ser acompanhada da garantia dos outros direitos; (é necessário dedicarmos uma parte importante deste trabalho à questão da água); Comparado aos assentamentos rurais vizinhos, que já têm a implantação de vários tipos de cisternas, poços profundos e acesso à créditos especiais voltados para agricultura familiar, os territórios indígenas ainda estão bem distantes;
- Há a presença de facções criminosas nos territórios que não são indígenas, mas não estabelecem relações conflituosas com os movimentos Tabajara e Potyगतapuia;
- As lideranças indígenas também relatam relações desafiadoras com profissionais do DSEI, haja vista este prezar pelo quantitativo e não pela qualidade dos serviços; priorizam a burocracia ao invés de um diálogo mais afinado com as necessidades reais das comunidades;
- Optamos por não visitar o Polo Base em razão de não termos recebido ainda a autorização para realização da pesquisa junto aos profissionais da equipe multiprofissional, mesmo após inúmeras tentativas de contato e envio de toda a documentação necessária.

MAIA, Renata Catarina Costa. **“COMO SE FOSSE O NOSSO SANGUE CORRENDO NAS VEIAS”**: a dimensão camponesa do direito à água a partir do conflito ambiental entre agronegócio e agricultura camponesa em Apodi (RN). Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Ceará, 2016.

Tramas para a justiça ambiental: diálogo de saberes e práxis emancipatórias / organização de Raquel Maria Rigotto, Ada Cristina Pontes Aguiar, Livia Alves Dias Ribeiro. – Fortaleza: Edições UFC, 2018.

POVO CACETEIRO DA SERRA DAS MATAS: A FORÇA QUE VEM DA TERRA. SEDUC 2001

CIARLINE, Alyne Almeida. **Territorialidade, saudade, ressignificação: índios Tabajara do Olho d’água dos Canutos**.

PINHEIRO, Joceny (Org.). Ceará. **Terra da luz, terra dos índios; história, presença, perspectivas**. Fortaleza: Ministério Público Federal. 6ª Câmara de Coordenação e Revisão. FUNAI; IPHAN/4ª Superintendência Regional, 2002.

LIMA, Carmem Lúcia Silva. **As perambulações: etnicidade, memória e territorialidade indígena na serra das matas**.

Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Documentação do Censo 2000.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais**.

MAIA, Lígio de Oliveira. **Índios a serviço D’El Rey: manutenção da posse das terras indígenas durante o avanço da empresa pastoril no Ceará (C. 1680-1720)**. Na mata do sabiá: contribuições sobre a presença indígena no Ceará, v. 2, p. 61-86, 2009.

COSTA, João Paulo Peixoto. **Ordem e disciplina: a formação de tropas indígenas do Ceará na Revolução Pernambucana de 1817**. IN: Na mata do sabiá: contribuições sobre a presença indígena no Ceará./Estêvão Martins Palitot [organizador]. – Fortaleza: Secult/ Museu do Ceará/ IMOPEC, 2009.

VALEE, Carlos Guilherme Octaviano do. **Aldeamentos indígenas no Ceará do século XIX: revendo argumentos históricos sobre desaparecimento étnico**.

Direitos Humanos e a Questão Indígena no Ceará – Relatório do Biênio 2007-2008/Isabelle Braz Peixoto da Silva e Max Maranhão Piorsky Aires [organizadores]. - Fortaleza: Imprensa Universitária, 2009.

A VIAGEM DA VOLTA: Etnicidade, política e reelaboração cultural no nordeste indígena. João Pacheco de Oliveira (org.). 2ª ed. Contra Capa Livraria/LACED, 2004.